



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

Instituto de Ciências Humanas – IH

Departamento de História - HIS

Monografia de Conclusão - Curso de Graduação

Professor Orientador: Dr. Mateus Gamba Torres

Brasília cidade fantasma: construção e relatos do imaginário popular (2021)

Larissa Ferreira de Paiva

Brasília

2021

Agradeço o trabalho feito pelo Arquivo Público do Distrito Federal de recolher, armazenar e conservar os inúmeros áudios e entrevistas dos trabalhadores de Brasília, pois sem essa documentação o trabalho não seria possível. Agradeço também aos entrevistados que se dispuseram a contar pessoalmente e on-line os relatos dos acontecimentos vivenciados por eles nos edifícios da Câmara dos Deputados e Congresso Nacional, tornando possível a segunda parte desse trabalho.

Agradeço a Deus, e à minha família pelo apoio e suporte, em especial minha mãe Elismar Ferreira de Paiva, meu pai Ciro Assis de Paiva Brasil Júnior e a minha irmã Luana Ferreira de Paiva. Gostaria também de agradecer ao meu namorado João Marcos Braga Duarte de Ávila, também pelo apoio e incentivo para a conclusão deste trabalho.

Agradeço à UnB pela oportunidade de cursar História e também pela oportunidade de ter conhecido amigos que tornaram essa jornada mais fácil: Karla Roberta, Luma Gomes, Sabrina Costa e Paulo Henrique, em especial à Luma Gomes pelas leituras e conselhos. Agradeço também meu orientador Mateus Gamba Torres, pela paciência, ajuda, conselhos e ensinamentos.

RESUMO

Essa pesquisa apresenta duas partes referentes à construção da Capital Federal. A primeira se refere a vida dos trabalhadores, também denominados candangos, que saíram de suas cidades, em sua maioria, em busca da realização do sonho de terem melhores condições de vida, e como uma forma de fugir da fome e da pobreza. Estes encontraram em Brasília duras condições de vida que se estenderam em diferentes seguimentos, tais como alimentação, moradia, segurança e horas excessivas de trabalho. Uma realidade não apresentada pela história oficial e nem pela propaganda do governo que atraía cada vez mais trabalhadores. A segunda parte aborda os aspectos do imaginário, que através do silêncio da história oficial consegue manter viva as verdades e sofrimentos dos trabalhadores que tiveram suas vidas perdidas pela falta de segurança nas obras, e que se apresentam em histórias e relatos sobrenaturais. Ambas as partes servem de apoio para responder a pergunta que move esse trabalho: qual é o outro lado da história não oficial de Brasília e o que ela tem a dizer? Essa indagação foi respondida através dos relatos dos construtores de Brasília, disponíveis no Arquivo Público do Distrito Federal e dos relatos dos trabalhadores dos prédios da Câmara dos Deputados e Congresso Nacional. Essa se trata ainda, da primeira pesquisa feita referente ao imaginário popular brasiliense com base nas histórias de assombros existentes na Capital Federal.

PALAVRAS-CHAVE: Acidentes, assombros, construção, imaginário, lendas, mortes, Brasília.

ABSTRACT

This research has two parts referring to the construction of the Federal Capital, the first refers to the lives of workers, also called candangos, who left their cities, mostly, in search of realizing the dream of having better living conditions, and as a escape from hunger and poverty. They found in Brasília harsh living conditions that extended in different segments, such as food, housing, security and excessive working hours. A reality not presented by official history or by government propaganda that always called more workers. The second part deals with aspects of the imaginary, which, through the silence of official history, manages to keep alive the truths and sufferings of workers who had their lives lost due to the lack of security in the works, and who present themselves in supernatural stories and reports. Both parts serve as support to answer the question that moves this work: what is the other side of Brasilia's unofficial history and what does it have to say? This question was answered through the reports of the builders of Brasília, available in the Public Archive of the Federal District and the reports of the workers of the buildings of the Chamber of Deputies and the National Congress. This is also the first survey made regarding the popular imaginary of Brasilia based on the stories of haunts in the Federal Capital.

KEYWORDS: Accidents, hauntings, construction, imaginary, legends, deaths, Brasilia.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	05
CAPÍTULO I – BRASÍLIA: ASPECTOS GERAIS	09
1.1 - Brasília: O mito do Eldorado	12
1.2 - Acampamentos, alimentação e acidentes de trabalho.....	19
CAPÍTULO II – FANTASMAS DE BRASÍLIA	29
CONSIDERAÇÕES FINAIS	38
REFERÊNCIAS BIBLIOGRAFICAS	40

INTRODUÇÃO

Essa pesquisa se apresenta como o primeiro trabalho realizado referente ao imaginário popular brasileiro, que tem como base as histórias de assombros existentes na Capital Federal. Vale destacar, que esse trabalho não se trata de uma investigação do paranormal. Se trata da outra face das histórias de Brasília, mais precisamente das histórias dos inúmeros homens¹ que saíram de suas cidades e não puderam retornar, porque se foram cheios de sonhos e planos não concretizados. Essa é a história que não pôde ser contada por muitos que a vivenciaram, pois as mortes por decorrência dos acidentes nas obras os calaram. É a história dos mitos, das lendas e dos mal assombros de Brasília, que traz um enredo pouco estudado e pouco falado, mas que gera grandes curiosidades nas narrativas de um passado que toca o sobrenatural e que bebe da história oral e social.

O surgimento dessa temática se deu a partir de um questionamento pessoal sobre o outro lado da história da construção de Brasília, que fez nascer uma série de outras histórias que estão estritamente relacionadas aos acontecimentos traumáticos vividos por aqueles que construíram a Capital Federal e que pouco se fala. Foram utilizados como fontes os relatos dos trabalhadores de Brasília, de forma a retratar o cotidiano e as dificuldades encontradas em diferentes aspectos, tais como: o percurso feito, o cenário dos acampamentos e as condições de trabalho, e também, os depoimentos de pessoas que alegaram ter vivenciado experiências paranormais em alguns dos locais que são apontados como mal assombrados pelas almas dos candangos que ali morreram. Tais depoimentos serviram para mostrar o que essas histórias têm a dizer sobre o que poderia se chamar de “a história oficial de Brasília”.

Os relatos referente aos trabalhadores do período da construção de Brasília, tais como operários, construtores, arquitetos, engenheiros e médicos aqui mencionados, estão disponíveis no acervo do Arquivo Público do Distrito Federal. Além disso, o presente trabalho teve como base e apoio (no que se refere à construção de Brasília) o livro "O capital da Esperança: Experiência dos trabalhadores na construção de Brasília" de Gustavo Lins Ribeiro². Já no aspecto econômico, o apoio foi encontrado no livro “O Governo Kubitschek: Desenvolvimento Econômico e Estabilidade Política (1956-1961)” de Maria Victoria de

¹ Refiro-me apenas aos homens por se tratar de uma narrativa que aborda propriamente a categoria do sexo masculino, visto que nenhuma mulher compôs durante a construção de Brasília, a posição de trabalhadoras braçais. Sendo assim, os acidentes e mortes que ocorreram nas obras abrangeram apenas vítimas do sexo masculino.

² RIBEIRO, Gustavo Lins. *O Capital da Esperança: a experiência dos trabalhadores na construção de Brasília*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2008.

Mesquita Benevides³. Com relação ao tema dos mitos e lendas, foram usados como suportes os autores Gilberto Freyre⁴, Karen Armstrong⁵ e Joseph Campbell⁶.

A chamada Nova História, associada a *École des Annales*, é vista por Peter Burke como uma história formulada contra o protótipo tradicional da produção histórica, que tinha como interesse o estudo e análise da história política. A história social, que surgiu com o advento da Nova História, passou a ter como principal interesse as atividades humanas, de forma a reconhecer que tudo tem uma história e um passado. Sendo assim, se antes a história era vista como um relato feito pelos grandes⁷, no século XIX o interesse dos historiadores, somada a necessidade de se escrever histórias nacionais, começaram a mudar o quadro, dando atenção a tudo que abrangia a atividade humana, se preocupando em analisar as diferentes estruturas e levando em consideração não apenas os acontecimentos em si, mas também os fatores que levaram aos acontecimentos e as transformações.

A Nova História, que também passou a demonstrar interesse nas opiniões e experiências dos sujeitos denominados comuns, passou a reconhecer as outras formas de se produzir história, tais como as fontes visuais e orais. A história oral, como mencionado por Paul Thompson⁸, assume e valoriza os pontos de vista dos sujeitos, que até então eram desconsiderados pela história vista de cima:

“Onde não há nada ou quase nada escrito, as tradições orais devem suportar o peso da reconstrução histórica. Elas não farão isso como se fossem escritas. A escrita é um milagre tecnológico... As limitações da tradição oral devem ser amplamente avaliadas, de modo que ela não se transforme em um desapontamento, quando após longos períodos de pesquisa resultar uma reconstrução ainda não muito detalhada”⁹.

A ampliação das possibilidades adquiridas pela Nova História proporcionou ao historiador a capacidade de não apenas contar uma vertente dos fatos, mas também de se relacionar e contar as outras faces da história, ou seja, de relatar as outras verdades e seus desdobramentos nas sociedades, abrindo espaços para o estudo do imaginário e da história

³ BENEVIDES, Maria Victoria de Mesquita. *O Governo Kubitschek: Desenvolvimento Econômico e Estabilidade Política (1956-1961)*. 3 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

⁴ FREYRE, Gilberto. *Assombrações do Recife velho*. Rio de Janeiro: Editora Record, 1987.

⁵ ARMSTRONG, Karen. *A Breve História do Mito*. Editora: Companhia das Letras, 2005.

⁶ CAMPBELL, Joseph. *O Poder do Mito*. Editora: Palas Athenas, 1991.

⁷ BURKE, Peter (Org.). *A escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo: Ed. da UEP, 1992. p. 42.

⁸ BURKE, Peter (Org.). *A escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo: Ed. da UEP, 1992. p. 42p. 167.

⁹ VANSINA, Jan. *Oral tradition as History*, Madison, Wisconsin, 1985, p.199.

cultural, concedendo ainda, um leque de possibilidades para o estudo e análise dos mitos e das representações dos símbolos, valorizando a Antropologia e a Filosofia nesses estudos.

“O imaginário é, pois, representação, evocação, simulação, sentido e significado, jogo de espelhos onde o ‘verdadeiro’ e o aparente se mesclam, estranha composição onde a metade visível evoca qualquer coisa de ausente e difícil de perceber. Persegui-lo como objeto de estudo é desvendar um segredo, é buscar um significado oculto, encontrar a chave para desfazer a representação de ser e parecer”.¹⁰

O imaginário não possui necessariamente uma oposição ao real, já que ele por si só, possui uma realidade exclusiva, onde tanto o real quanto o imaginário carregam significados simbólicos. Assim como a realidade é entendida de diferentes maneiras por diferentes sujeitos, grupos sociais e culturais, a mesma é passível de mutabilidade, pois cada indivíduo olha para o real de uma forma singular. O imaginário seria também uma realidade individual que se liga à maneira como o homem percebe o mundo e essa forma de percepção está estritamente ligada às suas convicções e às suas ideias.

Partindo, mais uma vez, do pressuposto de que a história oral se torna essencial nos estudos culturais, sociais, e, claro, do imaginário, gostaria de ressaltar que muitos aspectos do passado se perderiam caso a memória coletiva de um grupo não fosse considerada. Sendo assim, sem memória, não há possibilidade da existência de um passado e consequentemente não existiria a possibilidade de se fazer história. Segundo Henri Bergson¹¹, a memória é responsável por garantir a existência.

“A memória consiste em trabalho, não é apenas um imaginário, um sonho, pois lembrar não seria reviver, mas sim reconstruir, na atualidade, as experiências do passado. É muito mais do que recuperar o passado, pois busca os fatos estando-se no presente. Quando se está vivenciando o hoje, a memória adquire dinamismo, torna-se viva, porque responde àquilo que se busca para resolver as questões do momento”.¹²

Para Marc Bloch¹³, a memória é, entre todas as matérias primas de história, a mais importante. Como mencionado, este não se trata de um trabalho que visa analisar ou comprovar o paranormal, mas sim, das histórias dos trabalhadores que morreram no processo

¹⁰ PESAVENTO, Sandra. *Em busca de uma outra história: imaginando o imaginário*. Revista Brasileira de História, São Paulo, v. 15, no 29, 1995. p. 24.

¹¹ BERGSON, Henri. *Matéria e memória: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

¹² TOGNOLI, Sônia Amaral. *Maurice Halbwachs: A memória coletiva*. Scripta Alumni Uniandrade, 2009. p.5.

¹³ BLOCH Marc. *Apologia da história ou o ofício de historiador*. Rio de Janeiro. Ed. Zahar/2001.

de construção de Brasília e de sua vertente voltada para o sobrenatural, que comunicam visões de pessoas reais e de fatos que se instituem verdades¹⁴. Sendo assim, ressalto que esse trabalho foi feito usando como base os relatos de trabalhadores sobreviventes dos muitos acidentes nas obras de Brasília, de pessoas comuns e funcionários dos edifícios considerados assombrados em Brasília. Essa é, portanto, uma história que perpassa pelos anos de 1957 até 1960, período de duração da construção de Brasília até a sua inauguração, e claro, se estende aos dias atuais nos quais essas histórias ainda se fazem presentes no imaginário dos brasilienses.

A pesquisa se move tendo como ponto de partida a seguinte pergunta: qual é o outro lado da história não oficial de Brasília e o que ela tem a dizer? Dessa forma, a pesquisa foi feita partindo da história denominada oficial, passando pela história social até chegar na resposta da pergunta que move o trabalho: de onde surgem as lendas sobrenaturais de Brasília e o que elas significam para os brasilienses? Isso, partindo do pressuposto de que toda lenda tem algo a nos dizer, seja um ensinamento, um alerta, ou uma forma de fazer com que uma história permaneça viva.

A indagação do que existe “do outro lado” é feita pela grande maioria das pessoas, talvez pela capacidade humana de imaginar, ou devido as suas experiências particulares ou não, e que não são passíveis de explicações ou respaldos científicos. Além do mais, somos criaturas em busca do sentido das coisas que nos rodeiam: ¹⁵

“O mito trata do desconhecido; fala a respeito de algo para o que inicialmente não temos palavras. Portanto, o mito contempla o âmago de um imenso silêncio [...] o mito não é uma história que nos contam por contar. Ele nos mostra como devemos nos comportar”.¹⁶

As histórias sobre assombrações, as lendas e os mitos assumem, em sua maioria, um caráter puramente didático, seja ele para mostrar o certo ou o errado. Pode-se dizer que essas histórias carregam um significado maior do que o apresentado, além de não serem imutáveis, elas se adaptam a cada sociedade e a cada geração:

“À medida que as circunstâncias mudam, precisamos contar as histórias de modo diferente, para expor sua verdade intemporal. Nesta breve história da mitologia veremos que homens e mulheres, sempre que dão um passo decisivo à frente, revisam sua mitologia e fazem com que ela trate das novas

¹⁴ NANCY, Sandra Ramos. *Oralidade, memória e tradição nas narrativas de assombrações na região do cariri*. Fortaleza. 2011. p. 14.

¹⁵ ARMSTRONG, Karen. *Breve história do mito*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005

¹⁶ Armstrong, Karen. *Breve história do mito*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005, p. 9.

condições. Mas veremos também que a natureza humana não muda muito, e que vários desses mitos, criados em sociedades que não poderiam ser mais diferentes da nossa, ainda tratam de nossos medos e desejos essenciais”.¹⁷

Além disso, nota-se que os relatos e as histórias de assombrações estão sempre ligados à acontecimentos traumáticos de sofrimento, tragédias e desastres. Nesse caso, esses eventos se relacionam aos acidentes nas obras de Brasília que aconteciam principalmente pela falta de preparo dos trabalhadores com relação as suas funções e pela falta de segurança.

Essa monografia se divide em dois capítulos subdivididos em quatro partes, sendo o primeiro capítulo referente as motivações que fizeram com que os inúmeros sujeitos abandonassem suas cidades e famílias para irem ao encontro da “Capital da Esperança” e como esse processo de ida e chegada acontecia, trazendo ainda, uma espécie de análise sobre as condições de moradia, alimentação e de trabalho dos candangos. O segundo capítulo se trata sobre as lendas criadas a partir das mortes dos operários de Brasília durante a construção, além de analisar a “história do medo”, as histórias das assombrações, dos mitos e das lendas dos prédios do Congresso Nacional e da Câmara dos Deputados, são apresentadas as influências que essas categorias desempenham na sociedade.

CAPÍTULO I – BRASÍLIA: ASPECTOS GERAIS

A ideia da transferência da Capital Federal não foi algo que aconteceu de forma repentina. Muito pelo contrário. Em 1891 o deslocamento da capital passou a tomar forma por meio da Constituição Republicana, que declarava no artigo 3º:

“Fica pertencendo à União, no planalto central da Republica, uma zona de 14.400 quilômetros quadrados, que será oportunamente demarcada para nella estabelecer-se a futura Capital Federal”.¹⁸

Mesmo sendo declarado em 1891 na Constituição, o estabelecimento da zona de 14.400 quilômetros quadrados para a fixação da Capital Federal, foi apenas no ano de 1955 que o desejo da mudança da capital se tornou algo palpável, durante o comício realizado na cidade de Jataí – GO, onde Juscelino Kubitschek fez a promessa que no caso de ele ser eleito, cumpriria com a Constituição e realizaria a transferência da capital para o Planalto Central:

¹⁷ Armstrong, Karen. *Breve história do mito*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005, p. 15.

¹⁸ BALEEIRO, Aliomar. *Brasília: Senado Federal*, Subsecretaria de Edições Técnicas, 2012. p.65.

“Tudo teve início na cidade de Jataí, em Goiás, a 4 de abril de 1955, durante minha campanha como candidato à Presidência da República [...]. Daí a razão por que o meu primeiro comício foi realizado justamente em Jataí, cidade perdida nos sem-fins de Goiás. No discurso que ali pronunciei, referindo-me à agitação política que inquietava o Brasil e contra a qual só via um remédio eficaz — o respeito integral às leis —, declarei que, se eleito, cumpriria rigorosamente a Constituição. Contudo, era meu hábito, que viera dos tempos da campanha para a governadoria de Minas Gerais, estabelecer um diálogo com os ouvintes, após concluído o discurso de apresentação da minha candidatura. Punha-me, então, à disposição dos eleitores para responder, na hora, a qualquer pergunta que quisessem formular-me. Foi nesse momento que uma voz forte se impôs, para me interpelar: "O senhor disse que, se eleito, irá cumprir rigorosamente a Constituição. Desejo saber, então, se pretende pôr em prática o dispositivo da Carta Magna que determina, nas suas Disposições Transitórias, a mudança da Capital Federal para o Planalto Central." [...] Respondi, contudo, como me cabia fazê-lo na ocasião: "Acabo de prometer que cumprirei, na íntegra, a Constituição e não vejo razão por que esse dispositivo seja ignorado. Se for eleito, construirei a nova Capital e farei a mudança da sede do Governo."¹⁹

Entre os propósitos, tal como a unificação do Brasil, a transferência da capital tinha o objetivo de viabilizar o desenvolvimento do Centro-Oeste. Ao tomar posse, o cenário econômico encontrado por Juscelino era de inflações que vinham desde o período do governo de Getúlio Vargas, e por esse motivo, o progresso econômico se fazia presente em seus discursos junto com o estabelecimento e implementação do Plano de Metas. Segundo Maria Victoria Benevides, em seu livro publicado no ano de 1979²⁰, a política dos anos de 1956 a 1961, e claro, o governo de Juscelino, tinham como principais fontes de problemas três pontos: a insuficiência no balanço de pagamentos somada a degeneração dos termos de troca, os pontos de estrangulamento²¹ internos e externos, e finalmente a inflação.

Dessa forma, a atenção brasileira, mais precisamente a atenção política do governo, se voltou para o estabelecimento e fixação da industrialização do país, para a instalação da indústria pesada, para maior valorização do café, que naquele momento estava em baixa, para o aumento das exportações, para investimentos na infraestrutura e recursos ao capital externo, todos com a finalidade de conter os pontos de estrangulamento. O Plano de Metas servia como componente elementar, dando maior foco à iniciativa privada com a finalidade de driblar a inflação e a deficiência do balanço de pagamentos. O fato é que:

¹⁹KUBITSCHKEK, Juscelino. *Porque construí Brasília*. Rio de Janeiro: Bloch Editores, 1975. p. 6.

²⁰ O governo de Kubitschek: Desenvolvimento Econômico e Estabilidade Política (1956-1961)

²¹ O termo ponto de estrangulamento, se trata de uma alegoria do gargalo de uma garrafa, devido ao seu afunilamento, que provoca a limitação da saída do líquido presente na mesma. Dessa forma, o ponto de estrangulamento se refere as restrições que reprimem o desenvolvimento e a capacidade de uma empresa, serviço e até mesmo o setor industrial, danificando parte do sistema produtivo e reduzindo o seu rendimento. Sua principal característica é a restrição da capacidade e a procura do mercado.

“Entre 1957 e 1961 o Produto Nacional Bruto cresceu 7% (entre 1945/1946 o crescimento foi de apenas 5,2%) e a renda per capita cresceu 3,8% sendo 2,5% o crescimento no período precedente. Entre 1955 e 1961, a produção industrial cresceu 80%, com as porcentagens mais altas registradas pelas indústrias de aço (100%) indústrias mecânicas (125%), indústrias elétricas e de comunicações (380%) e indústria de equipamentos de transporte (600%). Para a década de 50 o crescimento per capita efetivo do Brasil foi, aproximadamente três vezes maior que o resto da América Latina”.²²

Os impactos do Plano de Metas e da política desenvolvimentista adotada por Juscelino Kubistchek atingiram não só de forma satisfatória os setores privados e públicos, nacionais e internacionais, como também foram capazes de abarcar os segmentos agrícolas, as classes de trabalhadores, no que se refere a uma maior oferta de empregos, a esfera migratória, que alcançou o interior do Brasil, e claro, a construção de estradas que contribuíram para o desempenho e desenvolvimento do país. A política de Juscelino foi muitas vezes, identificada e relacionada com a categoria populista e como uma espécie de laboratório de experiências democráticas. Em meio a uma política nacional desenvolvimentista, que tinha como apoio principal o Plano de Metas. Brasília seria, ao meu ver, para Kubistchek o resultado da eficiência de sua política desenvolvimentista.

“A característica principal da economia brasileira no período foi a consolidação da industrialização e, assim, as “questões problematizadas” se referem todas ao desenvolvimento econômico. A resposta do governo aos problemas surgidos nessa área (déficit de balanço de pagamentos, pontos de estrangulamento internos e externos, por exemplo) se traduz no planejamento econômico polarizado em torno do Programa de Metas. O Programa de Metas e as medidas tomadas pelos Executivos para implementá-lo - principalmente a criação da “administração paralela” - são, portanto, as políticas governamentais mais importantes do período”.²³

Juscelino Kubitschek tinha três pontos que serviam de sustentação para o seu discurso ao se referir à economia: o nacionalismo, a industrialização e as ações pró-crescimento. A industrialização que era reforçada no Plano de Metas era colocada como a principal forma de levar o país ao desenvolvimento. As ações pró-crescimento estimulavam as iniciativas privadas e o nacionalismo servia como um reforço à necessidade e importância do desenvolvimento brasileiro. Assim como o desenvolvimentismo se tornou chave principal de

²² BENEVIDES, Maria Victoria de Mesquita. *O Governo Kubitschek: Desenvolvimento Econômico e Estabilidade Política (1956-1961)*. 3 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979. p, 204.

²³ *Ibidem* p. 208.

seus discursos, Juscelino denominava como nacionalista aqueles que apoiavam e buscavam o desenvolvimento do Brasil. Para ele, o verdadeiro nacionalista era aquele que procurava apressar o desenvolvimento econômico, sem o qual a nação continuaria fraca e pobre²⁴. Os setores econômicos brasileiros pretendiam, no período do Governo de Juscelino Kubitschek, a solidificação da industrialização e consequentemente o desenvolvimento e progresso. Mesmo que dentro do Programa de Metas a construção de Brasília tenha sido uma prioridade, o programa buscava além disso, estimular a eficiência das atividades produtoras e os investimentos já presentes, e consequentemente dar uma melhor qualidade de vida para a população.

Embora o Plano de Metas proposto e executado por Juscelino, tenha conseguido empreender de forma satisfatória e evidente os quatro setores indispensáveis para o maior desempenho industrial: energia, transporte, investimento e infraestrutura, outros aspectos também considerado importantes, por se tratar de uma política desenvolvimentista foram deixados de fora:

“JK deixou de cumprir as promessas de desenvolvimento social que, via de regra, estavam associadas à ideia de aceleração da prosperidade econômica, não conseguiu elevar o nível de vida da população sertaneja, nem tampouco foi bem-sucedido em duas outras promessas empenhadas. Os desníveis de desenvolvimento regional não foram superados. Tal problema era sobretudo visível nas diferenças que separavam Norte e Sudeste e na destoante qualidade de vida da população do “interior” (campo) quando comparada à do “litoral” (cidade), sem acesso à terra, à saúde, à educação, ao saneamento básico, aos plenos direitos políticos e à proteção da legislação social e trabalhista. O país, desse modo, a despeito de toda aceleração e crescimento da economia, não ingressou no bloco dos “países desenvolvidos”, permanecendo nos limites da história de pobreza e de desigualdade sociais que até então caracterizavam (e ainda caracterizam) a trajetória nacional”²⁵.

A construção de Brasília teve, desde os seus primeiros dias, a responsabilidade não só de atender às expectativas do então presidente Juscelino Kubitschek, mas também de todos aqueles que acreditavam no projeto de transferência da Capital.

1.1 Brasília: O mito do *Eldorado*

O foco deste capítulo se desdobra e se vincula aos anos de 1956 a 1960, período em que as obras de Brasília iniciam até a sua inauguração. Os trabalhadores que ergueram a Capital Federal serão colocados aqui não como coadjuvantes da história, mas como

²⁴ OLIVEIRA, Juscelino Kubitschek. *Diretrizes gerais do plano nacional de desenvolvimento*. Belo Horizonte: Oscar Nicolau. 1955. p. 246-247.

²⁵ FERREIRA, Jorge & DELGADO, Lucília de A. Neves (orgs.). *O Brasil republicano*, 3: o tempo da experiência democrática. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. p. 191.

protagonistas. Seus depoimentos sobre os referidos anos serão usados como fontes para que as suas versões dos fatos sejam apresentadas. Esse capítulo tem como base e aporte teórico, fragmentos do livro *O Capital da Esperança* de Gustavo Lins Ribeiro. E os depoimentos dos trabalhadores Eronildes Guerra de Queiroz, Perdiz, Noeme, Edson Porto, Atahualpa Schmitz da Silva Prego, Manuel Pessoa Mendes, Clementino Candido, Antônio Lourival Ramos, Luiz Fernando Caldas e Manoel Ramos dos Santos.

“...homens simples e quietos, com pés de raiz, rostos de couro e mãos de pedra, e que, no calcanho, em carro de boi, em lombo de burro, em paus-de-arara, por todas as formas possíveis e imagináveis, começaram a chegar de todos os lados da imensa pátria (...); foram chegando em sua mudez cheia de esperança, muitas vezes deixando para trás mulheres e filhos a aguardar suas promessas de melhores dias; foram chegando de tantos povoados, tantas cidades cujos nomes pareciam cantar saudades aos seus ouvidos, dentro dos antigos ritmos da imensa pátria...” (MORAIS, Vinicius de. *Brasília, Sinfonia da Alvorada*. 1959)

Uma obra de tamanha proporção como a de Brasília junto com as propagandas do governo fizeram com que inúmeros sujeitos abandonassem suas terras para irem de encontro ao *Eldorado*, saindo majoritariamente do Norte, Nordeste, e de Goiás. Os trabalhadores, quase todos em comum, seguiram para Brasília em uma tentativa de se esquivarem da pobreza bastante presente nessas regiões, da fome e da falta de oportunidade. O relato de Eronildes Guerra de Queiroz, nascido em Pernambuco, expressa bem a razão e as motivações que fizeram a grande maioria das pessoas abandonarem suas terras e seguirem em direção a nova Capital Federal:

“Sai de Pernambuco porque eu ouvi a notícia de que aqui se arrastava dinheiro a rodo, aí eu vim pra cá pra Brasília a procura de um parente meu que tinha saído há anos também de Pernambuco e tinha notícias de que ele estava em Brasília. Aí eu vim pra Brasília trabalhar e ver se eu encontrava esse parente”.²⁶

A chegada dos trabalhadores no território da nova Capital Federal se sucedia através de três meios comuns, sendo eles: caminhões pau de arara, trens extremamente cheios com pouquíssimas ou nenhuma condição de higiene e em carona nos caminhões que se dirigiam a Brasília para transportar materiais. Assim que chegavam, essas pessoas se conduziam às companhias em busca de emprego. No geral, era comum encontrar nas companhias placas informando a necessidade e demanda por trabalhadores de todas as categorias e setores:

²⁶ Depoimento de Eronildes Guerra de Queiroz, disponível no Arquivo Público do Distrito Federal, 2008. Áudio 01.

“Aonde você chegava tinha uma placa ‘precisa de gente’. De tudo quanto era espécie de gente que chegava, até aleijado tinha serviço. Porque o aleijado sentava ele ali e punha ele pra vigiar uma porta, uma coisa e tal que precisava”.²⁷

Por mais que existisse uma grande demanda por trabalhadores, as companhias requisitavam, prioritariamente, trabalhadores qualificados e profissionais, mas a maior parte das pessoas dispostas a trabalhar nas obras era composta por pessoas com pouca ou nenhuma especialização, o que de certa forma não significava uma dispensa, pois Brasília representava naquele momento uma grande oportunidade de emprego para todos:

“Aqueles operário, vamos dizer braçal sem profissão qualificada, ia para as companhia, e também os operários especializados que não queriam cuidar da vida comercial era só chegar que tinha serviço nas companhia. Podia escolher ou uma ou outra companhia. Tinha várias. A oferta tinha oportunidade para escolher. Quem pagava melhor salário, quem tinha melhor alojamento. Então daí a razão porque constantemente ia chegando grandes levas de pessoas a Brasília. Porque chegava aqui tinha oportunidade de se começar a trabalhar. Ou com comercio particular, ou na sua profissão, ou como simples operário braçal. Tinha serviço para toda espécie”.²⁸

Segundo Gustavo Ribeiro (2008), existiam três categorias desejadas pelas empreiteiras: a de homens jovens, saudáveis, sem família e de preferência que possuíssem alguma qualificação. Os trabalhadores que tinham alguma especialização referente aos serviços de pedreiro, eletricitista e carpintaria tinham o acesso facilitado na admissão nas empresas. O fato é que a maioria dos trabalhadores vinham à Brasília sem nenhuma especialização, alguns pela aventura e a maioria pela necessidade, por isso era comum que esses homens chegassem sem nunca terem manuseado equipamentos de obra. Devido a essa ausência de trabalhadores especializados, as companhias acabavam incentivando os trabalhadores qualificados a treinarem os serventes. Com isso era possível formar um maior número de pessoas qualificadas. Vale ressaltar que, o fato de os trabalhadores estarem em uma categoria de profissionais especializados resultava, muitas das vezes, em um tratamento distinto.

²⁷ Depoimento de Eronildes Guerra de Queiroz, disponível no Arquivo Público do Distrito Federal, 2008. Áudio 05.

²⁸ RIBEIRO, Gustavo Lins. *O Capital da Esperança: a experiência dos trabalhadores na construção de Brasília*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2008.p, 81.

A preferência pelos trabalhadores sem família sobrevinha da falta de capacidade dos serviços básicos e de habitações que Brasília dispunha nos anos iniciais para atender além da população de trabalhadores. As instalações eram extremamente deficientes, o abastecimento de água era feito por caminhões pipa e a energia elétrica só chegou aos acampamentos em fevereiro de 1958. Os apagões aconteciam com frequência, pois a distribuição da energia elétrica era insuficiente para suportar o ritmo acelerado dos trabalhos. Uma das soluções era alugar caminhões para iluminar os canteiros de obras durante à noite. Trazer as famílias durante o período de construção implicava em ter uma posição elevada na hierarquia do poder profissional. Os trabalhadores de baixa hierarquia, caso quisessem trazer seus familiares, teriam que se submeter aos valores abusivos dos aluguéis na Cidade Livre ou colocar seus membros em situação de invasores de terra. Além disso, não trazer os familiares significava para as companhias um maior rendimento dos trabalhadores, já que a única preocupação seria a de terminar as obras dentro do prazo e de trabalhar cada vez mais para que os valores dos salários fossem dobrados.

“Após estes momentos iniciais, entraram em cena modos de conter o afluxo de trabalhadores com família. Este controle expressou-se tanto via forma de recrutamento e seleção, quanto pela escassez (deliberada ou não) de moradias para famílias. Desta maneira, passou a existir no território da construção uma situação que, para grande parte da população trabalhadora, poderia ser definida como de não-família”.²⁹

Em conjunto com a ausência das famílias, a escassez de mulheres, somada a pouca possibilidade de lazer que se limitavam a duas únicas sessões de cinema, uma no sábado e outra no domingo, jogos de futebol e cartas, três aspectos problemáticos surgiram: prostituição, doenças venéreas e o uso de álcool.

Segundo Perdiz³⁰, o lazer em Brasília era dividido em duas categorias, sendo a primeira pertencente aos trabalhadores da alta hierarquia, os engenheiros e profissionais, e a segunda aos trabalhadores braçais. O primeiro conjunto de trabalhadores desfrutavam de um hotel de alvenaria próximo ao Palácio da Alvorada, onde tinha uma espécie de cabaré feito especialmente para eles, com mulheres

²⁹ RIBEIRO, Gustavo Lins. *O Capital da Esperança: a experiência dos trabalhadores na construção de Brasília*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2008.p, 98.

³⁰ Entrevista de Pertiz, disponível no documentário: Lanterna: A saga das candangas invisíveis. Brasília. 2008.

selecionadas. O segundo grupo de trabalhadores tinha como opção se satisfazer sexualmente em Luziânia ou Formosa, onde estavam localizados alguns pontos de prostituição. Posteriormente, esses trabalhadores, através da autorização de Israel Pinheiro, dispuseram de um terceiro ponto localizado no Núcleo Bandeirante.

“Quando era final de semana, enchia aquele caminhão de peão, de soldado, de tudo, e despejava aquilo lá no meio da rua [...] ali o negócio pegava, o negócio ficava feio. fedorento a suvaco, fedorento a suor, fedorento de todo jeito. Mas não tinha jeito, não tinha pra onde correr. Fazer o que? Tava ali para aquilo. Tinha dia que a gente tinha que pedir licença pra dona da casa, porque não aguentava mais, aquelas partes da gente inchavam. Davam uma pomada pra gente e falavam ‘quarenta minutos’. Ai naqueles quarenta minutos voltava de novo [...] Mas era de sessenta, dependendo do que aguentava, não tinha base não”.³¹

O relato de Noeme, meretriz que habitava no prostíbulo do Núcleo Bandeirante, somado ao depoimento do operário Jose Irismar Soeiro, demonstra as excessivas e constantes horas em que essas mulheres mantinham relações sexuais com os trabalhadores e operários de Brasília:

“O cara que era casado, ele vem pra uma aventura novim, solteiro, mas quem era casado vinha pra uma aventura dessa e não trazia a sua família. Primeiro ele vinha aqui pra se habilitar, arrumar uma residência pra trazer. Quando esse fichava e via o ambiente, se recusava a trazer a família, porque via milhares e milhares de homens, não havia mulher. Porque a mulher era de aluguel [...] a mulher só ficava lá deitada, aqui, ó.. nessa posição, pronto. E a fila, sem lavar sem nada. A loninha assim baixinha, no sol quente, chega molhada de suor. E era assim ó, levantava a lona aqui, entrava e saía pelo o outro lado e a mulher ficava lá feito estatua”.³²

Segundo o depoimento do Engenheiro Atahualpa Schmitz da Silva, teria sido ele o fundador do prostíbulo localizado no Núcleo Bandeirante, também conhecido como Cidade Livre. Posterior a isso, em um relato do médico Edson Porto, o mesmo informa que após a construção dessas três casinhas, o número de prostitutas cresceu bastante, contando com cerca de 40 mulheres denominadas por ele como “compreensivas”, todas morando juntas.

³¹ Entrevista de Noeme luís, disponível no documentário: Lanterninha: A saga das candangas invisíveis. Brasília. 2008.

³² Depoimento de Jose Irismar Soeiro, disponível no Arquivo Público do Distrito Federal, 2008. Áudios 13 e 14.

[...] No final de dezembro se não me engano, ou foi janeiro, eu abri a primeira rua lá do Núcleo Bandeirante, antiga Cidade Livre [...] começamos a fazer casas ali, tinha os bares [...] tinha bebidas, tinha muito papo furado. No princípio, assim em novembro, o pessoal reclamava muito que tinha muita gente aí, que ficava sozinho, então não tinha mulher, não tinha coisa [...] aí eu fui à Luziânia e encontrei com Juca da ponte, e tinha um empreiteiro meu, sub empreiteiro chamado Clauzino, aí eu digo ‘ô Clauzino, você segue seu caminho aí e arruma três mulheres aí. Tem aqui a Metropolitana, tem a Coenge, tem a Rabello, então uma mulher é para cada companhia. Traz elas aí que vamos instala-las em Luziânia’. Aí eu arrumei um local lá em Luziânia, três casinhas bem feitinhas, instalação sanitária e tudo, aquele negócio todo [...] então em um belo domingo, tava até um domingo bonito, umas sete e pouco aparece um caminhão lá, e todo mundo trabalhando em cima daquelas máquinas, nos caminhões e aquele negócio todo. Aparece o caminhão com o Clauzino dirigindo o caminhão dele, e ele no estribo com a mão levantada me cumprimentando e em cima do caminhão tinham três camas com três donzelas lá, mandando beijo pro pessoal, atravessava o campo todo e eu fiquei estarrecido porque parou a obra toda, todo mundo olhando. Aí eu gritava, eu peguei o jipe, saí atrás do Clauzino e emparelhei com ele e disse ‘manda essa droga, leva tudo pra Luziânia rápido porque senão ninguém trabalha mais aqui hoje.

Entrevistador: eram três mulheres só pra essa tropa toda?

Três mulheres só, três mulheres. Elas não queriam vir, elas tinham medo. Longe pra burro, um negócio horrível. Ele foi lá pro lado de Uruaçu, sei lá. Aí nós fizemos lá em Luziânia aquelas três casinhas com aquelas três mulheres [...] o motorista tinha recomendação de as dez horas da noite eles teriam que trazer aí o pessoal de volta, e como naquelas festas eles bebiam muito, então tinha que levar uma corda, amarrava todo mundo ali em cima do caminhão pra poder chegar aqui ileso. ³³

Ainda referente à grande procura pela prostituição, em depoimento recolhido pelo médico Edson Porto, podemos perceber um dos desdobramentos dessa prática comum na época:

“[...] Ainda antes da inauguração do hospital, eu comecei a ter um problema muito sério, que começaram a aumentar também em larga escala, a famosa gonorreia. Nessa época, o departamento de posto de saúde da Novacap já estava funcionando, isso em meados de março de 57, e tinha a sua frente o falecido Dr. Jaime de Almeida, que por coincidência era gineco obstetra. Procurei o Dr. Jaime, comentei o fato com ele, do que estava ocorrendo e verifiquei que em Luziânia tinha apenas quatro mulheres, que podemos chamar de “compreensível” por entender todo esse problema. Isso não querendo menosprezar a função delas e tudo, que têm um cunho social muito importante... Luziânia já contava com aproximadamente quarenta mulheres que vinham de Goiânia e de outras localidades mais próximas, no sentido de aproveitar a época do ouro, da explosão, a marcha para o oeste... quando chegava o final de semana, ocorria o seguinte. O Dr. Bessa que tomava conta

³³ Depoimento de Atahualpa Schmitz da Silva Prego, disponível no Arquivo Público do Distrito Federal, 2008. Áudios 18 e 19.

do serviço pessoal, pegava um ou dois caminhões, enchia de operários e mandava para Luziânia para descontrair um pouco... Tudo dá a entender que com essa brincadeira, essa promiscuidade existente lá, proliferou, consideravelmente lá, a gonorreia. Eu preocupado com aquilo, procurei o Dr. Jaime e falei ‘tá acontecendo isso, isso e assim, assim, assim’. Como aquilo era função da Novacap, ele juntamente com o Dr. João foram, e eu também fui para essa viagem sentido Luziânia e fizemos um levantamento daquelas mulheres. Nós conseguimos fichar trinta e seis mulheres, dentro dessas trinta e seis, nos constatamos com o material colhido, mais de vinte contaminadas com a gonorreia. Então nós montamos um esquema pra tratar essas mulheres. Nós levamos o famoso benzetacil. Nos aplicamos uma injeção de 2400 nessas mulheres e avisamos então que na próxima semana votaríamos para aplicar a segunda dose de acordo com o tratamento instituído. Mas ocorre que quando chegamos na semana seguinte para fazer a segunda dose, nós só conseguimos oito mulheres, porque todas as outras tinham desaparecido dizendo que não iriam mais tomar a injeção porque tiveram que ficar quatro dias sem trabalhar. Mas felizmente com aquela dose e tudo, conseguimos sarar esse mal”.³⁴

Nota-se nos últimos relatos a exploração excessiva e a desvalorização dos corpos femininos. Denominadas por diferentes trabalhadores como “pedras preciosas” e até mesmo como “mulheres compreensivas”, essas meretrizes se encontravam em situações desumanas de exploração sexual, onde mantinham relações com inúmeros homens sem intervalo, o que resultava em lesões nos órgãos genitais das mesmas. No geral, as práticas das relações sexuais com essas mulheres eram usadas pelos diferentes tipos de trabalhadores como algo necessário para que os mesmos pudessem dar continuidade às obras mais “tranquilos, leves e rendosos”. Além disso, os hábitos sexuais intensos e com diferentes sujeitos tiveram como resultado a proliferação de doenças sexualmente transmissíveis que em muitos casos não foram detectadas e tratadas.

Entre o segundo aspecto problemático resultado da falta de lazer, encontrava-se o uso de bebidas alcoólicas. Esse era estritamente proibido dentro dos acampamentos e durante os dias de trabalho nas obras. Entretanto, os trabalhadores encontravam frequentemente meios de driblar a proibição, seja no uso disfarçado como se fosse café, durante as obras, ou através da ajuda dos trabalhadores especializados que não passavam por revista ao entrarem nos acampamentos. Além disso, o fato de os trabalhadores irem para a Cidade Livre e voltarem bêbados reforçava os discursos sobre os malefícios da bebida alcoólica em Brasília.

³⁴ Depoimento de Edson Porto, disponível no Arquivo Público do Distrito Federal, 2008. Áudio 05.

1.2 acampamentos, alimentação e acidentes de trabalho

“Eram pessoas habituadas no sertão, em obras de gente rustica mesmo, gente acostumada a dormir mal, a comer mal, a trabalhar no sertão sem recurso. Então não tinha problema. Agora o pessoal da Novacap, veio muita gente assim de fora e geralmente era gente que tinha problema com a família e andava brigando com a mulher, e estavam fugindo de credores, era tudo gente complicada em rota de colisão com alguma coisa”.³⁵

O depoimento do Engenheiro Atahualpa Schmitz exprime o preconceito sofrido pelos operários que foram, em muitos episódios, vistos sem valor algum. Essa hostilidade se estende desde a precariedade dos acampamentos e na alimentação até a morte de diferentes sujeitos devido a falta de segurança das empreiteiras. Além desses três pontos, pode-se dizer que o massacre da Pacheco Fernandes Dantas foi também reflexo da desvalorização da vida desses homens que foram, em muitos momentos, vistos como objetos descartáveis, inseridos em um ambiente desfavorável em diferentes aspectos, principalmente ao que se refere a integridade física.

Os depoimentos dos operários levam a crer que os acampamentos tenham sido para todos que buscavam o *Eldorado*, o primeiro grande choque de realidade devido a sua precariedade. Mesmo que para o engenheiro Atahualpa Schmitz da Silva Prego, os trabalhadores tratassem, em sua maioria, de pessoas acostumadas com as diferentes formas de insalubridades, o choque de se depararem com as situações precárias de moradia e de alimentação não passava despercebido mesmo por aqueles que tinham uma vida humilde, tanto que, mais a frente, os mesmos trabalhadores, denominados pelo engenheiro como “acostumados”, vão buscar reivindicações de melhorias, mesmo não obtendo resultado.

[...] acampamento, dormida era horrível, porque sabe como é que é, dormia num colchão velho de capim, né. Tinha que subir aquele troço lá e dormir cheio de percevejo, e o percevejo mordendo. A gente chegava e comprava aquelas latas de neocid [...] ³⁶

³⁵ Depoimento de Atahualpa Schmitz da Silva Prego, disponível no Arquivo Público do Distrito Federal, 2008. Áudio 17.

³⁶ Depoimento de Eronildes Guerra de Queiroz, disponível no Arquivo Público do Distrito Federal, 2008. Áudio 24.

Feitos de madeira e super lotados, os acampamentos foram construídos para suprir a demanda dos trabalhadores que chegavam em um território afastado e sem moradias. Sua finalidade era servir de habitação provisória, já que o intuito era que essas pessoas voltassem para as suas cidades logo após a conclusão das obras. Sem higiene nos acampamentos, os trabalhadores dormiam empilhados em beliches desconfortáveis e em cima de colchões sujos feitos de capim. Algo bastante comum nos relatos dos trabalhadores é a presença de insetos, sendo o mais perigoso deles o barbeiro:

“Vivíamos apavorado na ocasião pelo barbeiro, era o nosso grande temor. Assim que chegávamos, éramos alertados sobre essa praga. O nosso medico que era o Dr. Romulo Maroco... nos alertava sobre o barbeiro, ele tinha uns dois ou três exemplares desse inseto em um vidro e mostrava a todos os funcionários o que era o barbeiro, procurava para que nós aprendêssemos a identificar o barbeiro para que pudéssemos nos prevenir contra ele porque a doença de chagas era uma doença, senão comum mas que acontecia com certa frequência nessa área de Planaltina, Luziânia, na volta de Brasília que eram as cidadezinhas que já existiam, eram Formosa, Planaltina e Luziânia”.

37

A presença de insetos dos mais variados tipos e a super lotação não eram apenas os únicos motivos de reclamações dos operários. Os acampamentos eram sujos, a poeira entrava a todo momento pelas frestas das madeiras e a falta de higiene era reforçada pela deficiência na infraestrutura básica dos acampamentos:

Aí você chegava no acampamento, ia lá no banheiro e era aqueles canos, a gente abria li e saía. Água quente não existia, toalha também não existia, era igual vida de louco [...] então a gente saía da obra e tomava aquele banho frio, gelado. Socava lá debaixo num frio desgraçado, mas tinha que tirar pelo menos metade daquela terra e muitos nem tirava, dormia com aquela terra mesmo. Dormia com aquela terra, o lençol parecia... você não sabia a cor mais, porque entrava, além da poeira que você recebia, quando você tava dormindo emburilhado com aquele lençol, aí ia entrando aquela... com o vento ia entrando aquela poeira pelos barraco, pelas frestas do barracão, porque as tabuas eram amontadas em cima da outra.³⁸

³⁷ Depoimento de Manuel Pessoa Mendes, disponível no Arquivo Público do Distrito Federal, 2008. Áudios 3 e 4.

³⁸ Depoimento de Eronildes Guerra de Queiroz, disponível no Arquivo Público do Distrito Federal, 2008. Áudio 24.

Os problemas não se retinham apenas aos acampamentos, mas também à alimentação. Os operários eram alimentados com comidas de baixa qualidade que eram descontadas de seus salários. Havia uma separação nas cantinas entre as duas classes de trabalhadores onde ambos recebiam uma alimentação diferenciada, sendo inferior à comida dos operários.

- Entrevistador: Não tinha muita higiene na preparação da comida?

- Entrevistado: Não. Tinha, até esparadrapo... mosca não se falava ... carne, feijão, arroz, macarrão era à vontade, só que era com falta de higiene..., mas também homem não sabe fazer nada, se bem que naquela época, chegava aqueles camaradas que não sabia fazer nada e pra trabalhar não queria enfrentar a obra então corria pra cantina. Ia lavar panela, chegava aquelas panelas pretas, tudo sujo, preta por dentro e por fora.³⁹

Assim como nos diferentes setores inferiores da obra, muita gente era contratada sem nenhuma experiência, e na cozinha acontecia o mesmo. A comida que era feita em grandes quantidades, dava aos trabalhadores a possibilidade de comer à vontade, porém, eram feitas com pouquíssima higiene, o que acabava resultando em episódios constantes de diarreias entre os trabalhadores.

“A comida era muito ruim, eu lembro de uma dia chegamos no alojamento na cantina e quando chegamos disseram que tinha um peixe pra gente comer e eu não aguentei porque nunca tinha comido aquele tipo de peixe, e um colega meu começou a vomitar dizendo que nunca tinha comido aquele peixe e que não era peixe, e aí o chefe da cozinha, o encarregado da cozinha que era primo da minha primeira mulher e ele me disse que era uma cobra sucuri que acharam próximo ao acampamento da Pacheco Fernandes Dantas. Então era uma sucuri, eles davam qualquer coisa pra gente comer”.⁴⁰

O relato do médico Edson Porto deixa claro que os próprios trabalhadores buscavam maneiras de amenizar as dores de barriga e diarreias que aconteciam após a ingestão dos alimentos preparados nas cantinas:

³⁹ Depoimento de Clementino Candido, disponível no Arquivo Público do Distrito Federal, 2008. Áudio 05.

⁴⁰ Depoimento de Manoel Pereira da Silva, disponível no Arquivo Público do Distrito Federal, 2008. Áudio 05.

“ Vitor tinha um restaurante na Cidade Livre, e como ele era um bom cozinheiro, foi arrendado para tomar de conta da cozinha do SAT. Bom, esse cidadão um belo dia chega perto de mim e pergunta, qual era o tratamento que eu fazia pra essas diarreias que estavam acontecendo. Ai eu falei pra ele então, que eu usava um medicamento que era pedido em Goiânia e vinha aqui pra Brasília, ocorre que inclusive, a curiosidade foi tal, que ele me pediu até dosagem, e me chamou atenção. Foi um fato então interessante, porque acaba meu estoque e eu vou a Luziânia procurar o medicamento, simplesmente não encontro nenhum comprimido na cidade, e fui informado que um cidadão aqui de Brasília tinha comprado todo o estoque e por coincidência também a diarreia tinha diminuído consideravelmente. Pois esse Vitor, simplesmente o estoque comprou e colocava no feijão. Agora eu me pergunto, esse foi ou não foi o primeiro sanitarista de Brasília?”⁴¹

Alcançar o objetivo de se fazer 50 anos em 5 gerou uma esfera abusiva de jornadas excessivas de trabalho que tinham as viradas⁴² constantes como um sinônimo da exploração que acontecia no território do Planalto Central. Ouvir nos relatos dos trabalhadores que em Brasília, durante o período de construção, era como se não existisse relógio⁴³ sinaliza que aquele se tratava de um ambiente excessivamente dominado pelo trabalho.

Mais trabalho significava maiores salários, por isso os operários se sujeitavam às exaustivas horas. Fora isso, a legislação trabalhista não era respeitada em Brasília. Assim, as jornadas se estendiam entre 12 e 22 horas, e não por duas horas a mais como definido pela Legislação Trabalhista no artigo 59⁴⁴. Vale ressaltar que durante as viradas eram feitos apenas alguns pequenos intervalos para que os operários se alimentassem. Nesse caso, as comidas eram levadas até as obras para que os trabalhadores não perdessem tempo se deslocando até as cantinas e enfrentando as longas filas.

“A gente trabalhava dois três dias direto, noite e dia, era obrigatório, quem não aguentasse era pra ir embora, só parava pra almoçar, e jantar eles vinham com um caminhão, apanhava a comida, levava e a gente comia lá no serviço, lá nas obras, aí virava a noite direto. Enquanto não terminasse aquela laje, aquela laje não pode parar”.⁴⁵

⁴¹ Depoimento de Edson Porto, disponível no Arquivo Público do Distrito Federal, 2008. Áudio 05.

⁴² O termo virada se refere ao alongamento das horas trabalhadas, que nesse caso, chegavam a 24 horas diretas de trabalho, tendo apenas curtas pausas para a realização de refeições.

⁴³ Depoimento de Antônio Lourival Ramos, disponível no Arquivo Público do Distrito Federal, 2008. Áudio 08.

⁴⁴ Art. 59. A duração diária do trabalho poderá ser acrescida de horas extras, em número não excedente de duas, por acordo individual, convenção coletiva ou acordo coletivo de trabalho.

⁴⁵ Depoimento de Eronildes Guerra de Queiroz, disponível no Arquivo Público do Distrito Federal, 2008. Áudio 06.

A inexistência de leis e instituições que defendessem os trabalhadores dos abusos e da precariedade fez com que alguns operários tomassem para si a tarefa de construir suas próprias defesas,⁴⁶ criando um sindicato que aparentemente não tinha força nenhuma, isso porque a maior parte dos trabalhadores viam com bons olhos as horas extras pagas. Aparentemente, o sindicato só teve um número maior de apoiadores quando houve o incidente da Pacheco Fernandes Dantas em 1959, quando os operários passaram a reivindicar a punição dos responsáveis pelo massacre, mas essas reivindicações foram silenciadas.

“ Houve necessidade de organizar um sindicato devido às arbitrariedades das empresas, né? Não havia fiscalização. Eu cheguei até ser do sindicato como delegado sindical uma temporada. Era permitida a entrada nas obras para verificar se havia alguma irregularidade. Mas a gente não tinha condições de fazer nada. A hostilidade dos capatazes ou dos engenheiros da empresa era grande, né? Prejudicava um pouco o ritmo do trabalho e Juscelino não ficou satisfeito com a fundação do sindicato, como o Israel Pinheiro. Eles tornaram até hostil, assim, às pessoas ligadas ao sindicato. Sabia que o sindicato geralmente defende os direitos dos trabalhadores e nessa altura prejudicava o ritmo de trabalho de Brasília, porque já havia muita arbitrariedade, né, nas empresas. A gente não tinha força. Era uma verdadeira desilusão. Só encontrava hostilidade da parte das empresas, quando se identificava, que podia entrar dentro daquela obra, que os canteiros da obra era fechado ali, ou com vigia na porta. Já a recepção desde o vigia já não era muito boa, né, para que a gente verificasse, perguntasse algum operário sobre a alimentação, sobre trabalho, se estavam pagando as horas extras direito, qualquer coisa. E a GEB sempre estava por perto. Eles telefonavam, de imediato aparecia dois ou três policiais da GEB e eles ficavam às vezes na porta da empresa, demonstrando que a empresa estava em segurança. Era isso que a gente tinha”.⁴⁷

Os altos valores pagos eram, sem dúvida, um dos aspectos que mais atraíam os candangos, ainda mais considerando que os salários recebidos em Brasília eram maiores do que o recebido em suas cidades. É importante destacar que a exploração dos trabalhadores não se reteve apenas na esfera das numerosas jornadas excessivas de trabalho, mas também no alongamento dos dias trabalhados que se estendiam aos finais de semana e feriados.

⁴⁶ RIBEIRO, Gustavo Lins. *O Capital da Esperança: a experiência dos trabalhadores na construção de Brasília*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2008.p, 81.

⁴⁷ Ibidem, p. 202.

“Nesta época, o maior salário mínimo, fixado em 14 de julho de 1956, era o da capital federal, o Rio de Janeiro com o valor de Cr\$ 3,8 mil. O salário da primeira sub-região de Goiás, Cr\$ 2,4 mil, o mínimo mais alto do estado, era também maior do que todos os salários mínimos vigentes no Norte e Nordeste (exceto a primeira sub-região de Pernambuco com Cr\$ 2,7 mil), sendo, no entanto, mais baixo do que de Minas Gerais, de Cr\$ 2,85 mil até Cr\$ 3,3 mil. Os salários mínimos do Estado de São Paulo variavam de Cr\$ 3,2 mil até Cr\$ 3,7 mil”.⁴⁸

O trabalho excessivo e o ritmo acelerado somados à falta de equipamentos de segurança eram os grandes responsáveis pelos acidentes nas obras. Tal ritmo resultou na dilapidação da força de trabalho dos operários, que passaram a estar cada vez mais sujeitos a acidentes em obras que não primaram pela segurança nos canteiros.⁴⁹

“Mesmo com os americanos aconselhando o uso de equipamentos, os operários de Brasília não aceitavam. Os americanos trouxeram os equipamentos de segurança porque eles levavam as coisas a sério, mas os nossos operários não gostavam de usar porque achavam incomodo e com isso vários morreram, cerca de 50 de acidente de trabalho. No início as mortes causavam impacto, mas depois não. Eram enterrados ou em Luziânia ou Planaltina”.⁵⁰

Segundo o Técnico Luiz Fernando Caldas, a única empreiteira que fazia uso de equipamentos de segurança obrigatoriamente era a Construtora Planalto⁵¹. As outras não exerciam nenhuma fiscalização referente ao uso de equipamentos de segurança e não os tornavam obrigatórios. Sem capacetes, cordas, luvas, roupas adequadas e estruturas de segurança, os acidentes se tornavam comuns.

“[...] Era constante. A gente via só o pessoal cair de cima, mas nós não podia encostar [...] Agora, a gente só sabia que tinha caído operário lá, a gente corria pra ver, mas eles tinham uma equipe de bombeiro, formada inclusive pela firma, e que não deixava ninguém encostar. Quando um chegava, eles já isolavam o local, cobria o pessoal com um pano, com uma roupa, uma coisa, e tiravam. Naquele tempo nem perícia existia. Aí ninguém sabia qual era o

⁴⁸ *A voz operária*, nº 497, 13 dez. 1958 apud Ribeiro, Gustavo. *O Capital da Esperança*. p. 153.

⁴⁹ *Ibidem*, p. 165.

⁵⁰ Depoimento de Luiz Fernando Caldas, disponível no Arquivo Público do Distrito Federal, 2008. Áudio 04.

⁵¹ Construtora norte americana, responsável pelas estruturas de ferros dos Ministérios.

operário. Mas sempre aparecia as malas, abandonada, e cama abandonada. Às vezes a gente sabia através das camas, que o dono não aparecia mais”.⁵²

Para se ter uma noção maior de como os acidentes eram comuns, Gustavo Lins Ribeiro, durante as pesquisas feitas sobre Brasília, encontrou uma série de matérias em diferentes jornais que indicavam o atendimento de 342 acidentados de agosto a dezembro de 1957, 1.974 acidentados em 1958, 10.927 em 1959 e 1.028 nos dois primeiros meses de 1960. Apesar de, ao que tudo indica, 1959 ter sido realmente o ano do pique da obra, o enorme salto entre 1958 e 1959 no número de acidentados parece absurdo, uma vez que indicaria uma proporção de quase um acidente para cada grupo de seis pessoas da população total.⁵³

“A quantidade de carpinteiro e auxiliares de carpintaria era muito grande e esses acidentes são muito comuns. Depois que foi entrando a engenharia mais pesada, de ferragem e de concretagem, aí os acidentes foram ficando mais graves, aí entrava problemas de fratura de quedas de andaimes, a parte da proteção é ainda hoje abandonada. Então era queda de andaime, quebra de braço. Inclusive tivemos um acidente muito sério com um engenheiro da Novacap, que veio a falecer inclusive no hospital, que ele ficou prensado por dois caminhões de caçamba, não eram só os operários [...] outro acidente com o hospital já funcionando, foi um português que teve uma das pernas esmagadas por uma caçamba, já perto na missa de inauguração”.⁵⁴

Entre as obras, a mais temida era a do Congresso Nacional, também conhecido como 28 devido a sua altura de 100 metros que comportava vinte e oito andares. Lá, os casos de mortes por acidentes eram também maiores. O grande número de mortes que ocorreram no Congresso Nacional explica o porquê da existência de tantas histórias de assombrações nesse local:

“Entrevistado: Muitas das vezes quando eu dormia aqui para fazer a guarda do prédio, eu ouvia barulhos, ouvia barulho de trinco de porta abrindo, de porta batendo, de passos, ouvia barulho de muita coisa, tinha gente que falava que os barulhos era o vento passando, mas o vento consegue girar a maçaneta? Não né. Eu tinha tanto medo que eu passava a noite inteira sem ir

⁵² Depoimento de Manoel Pereira da Silva, disponível no Arquivo Público do Distrito Federal, 2008. Áudio 06.

⁵³ RIBEIRO, Gustavo Lins. *O Capital da Esperança: a experiência dos trabalhadores na construção de Brasília*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2008.p, 165

⁵⁴ Depoimento de Edson Porto, disponível no Arquivo Público do Distrito Federal, 2008. Áudio 04.

ao banheiro. Aqui tem muita história de assombração, principalmente no anexo 1 e no anexo principal, são mal assombrados, com certeza.

A polícia daqui e a segurança da Câmara dos Deputados já contou várias vezes, que quando acontece deles pegarem no sono, eles acordam com uma pessoa segurando a mão deles, mas não tem ninguém. Isso aconteceu e acontece com muita gente, tem algumas pessoas que perdem até a voz por alguns minutos, pra você ver como são as coisas aqui.

Entrevistadora: Você acha que esses eventos têm alguma relação com a morte dos trabalhadores durante a construção do edifício ou acha que não possui relação nenhuma?

Entrevistado: Com toda certeza tem relação sim, eu sei que morreu muita gente nesse prédio. O meu pai trabalhou aqui na construção de Brasília e eu me lembro dele falar que sempre tinha um ou outro caindo, e não era de vez em quando não, era sempre. Por isso eu acho que tem relação sim, foram muitas mortes”.⁵⁵

Segundo o relato do operário Manoel Ramos dos Santos⁵⁶, as mortes que aconteciam nas obras, e conseqüentemente no Congresso Nacional, eram atribuídas à falta de segurança que estava relacionada à irresponsabilidade das empresas em não disponibilizar para os operários os equipamentos de segurança necessários. Sem a disponibilização desses equipamentos, Manoel ainda destaca que os operários não tinham condições de comprá-los.

“Do jeito que eles construíram aquele 28 ali, principalmente a estrutura, foi um troço criminoso. Porque ali teria que fazer o abajur.

- Que é isso?

- Abajur é uma cerca que você faz por fora, faz uma cerca 'pra poder não cair nada, né. Pra cair num tablado, né isso? E ali não tinha nada. Então era soltinho. Inclusive o teste que fazia ali era o sujeito andar em cima de uma viga de 15 centímetrozinhos, andar nela com uns dez metros de altura. O sujeito passasse nela, passava no teste. Podia ser ele analfabeto. Aí ele ia trabalhar na montagem. Pagavam três vezes mais do que um pedreiro ganhava. Mas também o sujeito tava correndo o risco, qualquer hora... o caboclo ali, por exemplo arribitando uns prego, uns parafuso, uns arrebite grosso, com a marreta, ele batendo lá em cima. Desequilíbrio pronto. Caía lá embaixo. Já jogava no caminhão, levava lá pro necrotério lá (pedreiro)”.⁵⁷

Em virtude dos grandes números de acidentes, era comum que os operários não quisessem trabalhar no Congresso Nacional pelo grande risco de morte, por isso também, as mudanças de emprego eram constantes. No geral os trabalhadores estavam sempre fugindo ou tentando fugir das piores condições de trabalho, salários e

⁵⁵ Relato colhido por um funcionário que optou por não ser identificado, na câmara dos deputados no mês de abril de 2021.

⁵⁶ Depoimento de Manoel Ramos dos Santos, disponível no Arquivo Público do Distrito Federal, 2008. Áudio 07.

⁵⁷ RIBEIRO, Gustavo Lins. *O Capital da Esperança: a experiência dos trabalhadores na construção de Brasília*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2008.p, 167.

alojamentos. Nota-se que os diferentes riscos de morte, seja por atropelamento, queda de edifícios e concretagem, somadas a precariedade dos serviços básicos de alimentação e moradia, foram os principais problemas vividos pelos construtores de Brasília.

“ Eu era fazedor de caixão na Novacap. Tinha dia que morria 20, 30. Às vezes eu tava dormindo e chegava uma caminhonete: vamobora pra carpintaria. E o pau quebrava lá. Era eu que mexia com a máquina, então morria la uns cara na construção e então me chamavam pra fazer caixão. Então eu ia. Não custava. Era quase todo dia que eu fazia caixão. Eu já fazia e empilhava pra não me chatearem. Ali no 28, despencou um elevador que foi nove de uma vez. E naquela época o cemitério era em Luziânia. (carpinteiro)”.⁵⁸

Em decorrência da constante aceleração das obras, alguns corpos não eram retirados dos locais de acidente e quando retirados, eram rapidamente cobertos por uma lona⁵⁹, para posteriormente serem levados aos cemitérios. Buscava-se sempre evitar que outros trabalhadores se aproximassem ou parassem o trabalho por conta dos acidentes. Dessa forma, os trabalhadores seguiam como se nada tivesse acontecido. Por falta de registros não se sabe o número exato das mortes, o que se sabe é que do outro lado da cidade, famílias inteiras esperavam o retorno dos seus entes que nunca mais voltaram e nunca mais deram notícia.

Se torna perceptível que a construção de Brasília não é apenas sinônimo de progresso e desenvolvimento, pois é também sinônimo de descasos. A importância dos candangos na construção da Capital federal, tão falada por Juscelino Kubistchek e descrita nos relatos da história oficial, não passou apenas de objetos de discurso, visto que a figura dos trabalhadores que eram realçadas por ambos, na prática era rebaixada de diferentes formas. A presença desses trabalhadores só foi bem vista quando os mesmos se propuseram a se submeter às excessivas horas de trabalho. Assim que as obras chegaram ao fim, os candangos não puderam sequer habitar na cidade construída por eles, por isso foram colocados nas cidades satélites, o mais longe possível do centro de Brasília. O menosprezo pela vida dos trabalhadores se estendeu a diferentes aspectos, sendo a falta de segurança que resultou na morte de inúmeros trabalhadores, o mais

⁵⁸ RIBEIRO, Gustavo Lins. *O Capital da Esperança: a experiência dos trabalhadores na construção de Brasília*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2008. p. 167.

⁵⁹ HOMEM, Roberto. *Senado e Brasília: Construindo a História*. Brasília. 2010.

grave. No geral, quase nada era feito para evitar as mortes, afinal, os candangos e as vidas perdidas eram substituíveis.

Tudo era pensado: a preferência por trabalhadores sem família, jovens com saúde, a proibição de bebidas alcoólicas, a pouca possibilidade de lazer e até mesmo a prostituição, que era usada como uma justificativa para que os operários trabalhassem mais e melhor. Nos anos de 1957 a 1960 parecia não importar a lógica de como a Capital Federal era erguida, as horas excessivas e constantes de trabalho provocavam acidentes e a legislação trabalhista não era respeitada, tudo para atingir a meta de converter cinquenta anos em cinco.

O que a história oficial tentou esconder, o imaginário popular trouxe à tona. É comum que eventos traumáticos, ou que tenham como consequência muitas mortes, se convertam em lendas, histórias e relatos paranormais, e, como ficou claro, Brasília se enquadra nesse cenário. As almas dos trabalhadores foram, através do imaginário popular, imortalizadas e vivem em constante alternância entre o mundo físico e o mundo sobrenatural, realizando aparições nos seus locais de morte.

“Eu sei da história da Dona Antônio, ela que contou. No ano de 1991, ela que trabalhava na limpeza relatou ter visto umas coisas aqui no Congresso Nacional. Bom, ela era de idade e gostava de chegar sempre mais cedo que os outros, então sempre antes das 7:00 ela já estava aqui. Ela contou que um dia estava fazendo a limpeza e começou a ouvir o barulho da máquina de datilografia, barulho de alguém digitando na máquina, ela estranhou porque nunca tinha ninguém lá naquele horário. Então ela foi até a sala que tinha a máquina para ver quem estava lá, quando ela pisou o pé na sala a máquina parou de fazer barulho e na mesma hora que a máquina parou, ela viu a cadeira ser arremessada, como se alguém tivesse se levando com muita pressa, e não tinha ninguém lá”.⁶⁰

Ouvia-se dizer que Brasília era a capital da esperança e dos sonhos realizados, mas, ao chegar no território, os trabalhadores descobriam, com surpresa, que Brasília se tratava do oposto. Aquela Brasília que motivava os pobres sonhadores a seguirem longas horas de viagens desconfortáveis não era real, não inteiramente real. As condições de sobrevivência, moradia e segurança eram mínimas e as construções não só tomavam o tempo dos operários, mas em muitos casos, tomavam também a vida.

⁶⁰Relato colhido por um funcionário que optou por não ser identificado, na câmara dos deputados no mês de abril de 2021.

A participação dos candangos na construção da Capital Federal não poderia ter sido mais importante, embora tenha se mostrado, através do descaso, insignificante. Os trabalhadores eram, no jogo de poder, peças descartáveis sem valor e substituíveis. Entre os construtores de Brasília e seus familiares, não faltam histórias e relatos de desses descasos, o mais conhecido deles, se refere aos operários que foram concretados nos diferentes edifícios.

CAPÍTULO II – FANTASMAS DE BRASÍLIA

A ampliação das possibilidades adquirida pela Nova História proporcionou ao historiador a capacidade de não apenas contar uma vertente dos fatos, mas também de se relacionar e contar as outras faces da história. Entre as novas possibilidades, a Nova História se debruçou sobre o estudo do imaginário e deu espaço para as imagens de representações presentes em todas as sociedades que davam sentido ao mundo. O estudo do imaginário é considerado pela Nova História Cultural como um dos campos mais instigantes de análise para a História⁶¹, embora tenha sido por muito tempo visto como sinônimo da fantasia, atualmente o imaginário apresenta outros aspectos que o coloca de frente com as formas de representações simbólicas das crenças, identidades e claro, das realidades fantasiadas.

No caso desse trabalho, será apresentado o imaginário das realidades fantasiadas, ou seja, dos fatos reais, de um plano real que passa a ter como suporte a fantasia, o que podemos denominar também como lendas:

“A palavra lenda provém do baixo latim *legenda*, que significa “o que deve ser lido”. No princípio, as lendas constituíam uma compilação da vida dos santos, dos mártires (*Voragine*); eram lidas nos refeitórios dos conventos. Com o tempo ingressaram na vida profana; essas narrações populares, baseadas em fatos históricos precisos, não tardaram a evoluir e embelezar-se. Atualmente, a lenda, transformada pela tradição, é o produto inconsciente da imaginação popular. Desta forma o herói sujeito a dados históricos, reflete os anseios de um grupo ou de um povo; sua conduta depõe a favor de uma ação ou de uma idéia cujo objetivo é arrastar outros indivíduos para o mesmo caminho”.⁶²

⁶¹ VIGÁRIO, Jacqueline Sirqueira. *História e Imaginário*. Goiânia- Goiás.2009. 10p. pesquisa de pós graduação em historia UFG/UCG.

⁶² BAYARD, Jean Pierre. *História das lendas*. Ed: Ridendo Castigat Mores. 1957. p. 10.

As histórias e narrativas que envolvem assombros são expressões culturais típicas da criatividade e do poder sensível do povo de imaginar e criar conhecimento.⁶³ A prática de contar histórias fantasmagóricas e sobrenaturais vem de um período que antecede à manifestação da ciência. Era com base nessas histórias que as pessoas explicavam os fenômenos naturais e justificavam as coisas, guiavam a vida, a morte e os eventos temporais e naturais. Naquele momento, tais explicações não eram vistas e nem entendidas por quem as consentia como mitos, já que as explicações não pareciam apresentar nenhum aspecto de falsidade, muito pelo contrário, as explicações pautadas no sobrenatural possuíam um grande teor de veracidade. De certa forma, os nossos ancestrais estavam inseridos em um meio onde se tinha uma visão do mundo real em constante interação com o sobrenatural.

Como já aludido, o objetivo desse trabalho não está em promover uma investigação do paranormal, nem mesmo em mencionar tais relatos como sendo reais ou até mesmo ilusórios. O objetivo está em expor essas narrativas que se desdobraram através do outro lado da história de Brasília, já mencionada. A incapacidade de assegurar a veracidade, ou a falta dela, tem como amparo a insuficiência que a ciência moderna tem ainda hoje em comprovar tais eventos e acontecimentos como sendo sobrenaturais. O fato de estar organizada e ter como base o materialismo faz com que a ciência não consiga sustentar as explicações e teorias que estão ligadas ao metafísico.

O discurso da comunidade de pesquisa se refere a entidades reais e não a imaginosas ou fantasmagóricas. A comunidade dos pesquisadores possui uma filosofia ontologicamente realista. O mundo é composto de entidades concretas que mudam por meio de leis e são independentes do pesquisador. Uma epistemologia pela qual podemos conhecer o mundo parcial e gradualmente e um *ethos* que busca a verdade acima de outros valores, como a utilidade, o poder e o dinheiro.⁶⁴

Os problemas que a comunidade de pesquisadores deseja resolver referem-se a coisas reais.⁶⁵ Segundo Adilson Koslowski (2017), a ausência de pesquisas referentes às entidades imaginosas e fantásticas acontecem também, devido à forte vertente filosófica

⁶³ GONÇALVES, Carolina Brandão. *Histórias de assombração*. Disponível: <https://avauea.uea.edu.br>

⁶⁴ KOSLOWSKI, Adilson. *O porquê da ausência do sobrenatural na ciência contemporânea*. Sergipe, Aracaju, SE, Brasil. 2017. p. 20.

⁶⁵ Ibidem p. 21

ontológica realista a qual a ciência se apoia. Por isso, a incapacidade de comprovação dessas experiências e histórias de assombrações como sendo fatos metafísicos, não devem ainda ser apontadas como verdadeiras ou falsas, mas como uma categoria desprovida de explicações científicas que as coloquem como sendo verdadeiramente sobrenaturais, isso porque a ciência acaba em grande parte de suas análises, relacionando tais eventos com acontecimentos físicos, psicológicos e tecnológicos. Mesmo tendo como base essas três categorias para explicar diferentes acontecimentos, os relatos e eventos denominados paranormais continuam sendo uma incógnita que nos cercam e despertam curiosidades.

“[...] uma coisa é sustentar que a ciência moderna não contém – por ora – agentes sobrenaturais em suas explicações, outra é sustentar uma posição naturalista metafísica e epistemológica oníabrangente, isto é, o cientismo, a saber: as únicas coisas que existem são as postuladas pela ciência e o único conhecimento possível da realidade é o científico, portanto, devemos ficar restritos à investigação científica. É a ciência que nos diz o que existe e ponto final”.⁶⁶

A ausência de explicação que separa as categorias vida, morte, espírito, matéria, realidade e ficção, causa ainda mais curiosidade a respeito desses assuntos e essa curiosidade, que é reforçada pelo silêncio, acontece de forma indelével porque todas as culturas e sociedades carregam em si questionamentos sobre os vivos e os mortos, a respeito das aparições e sobre o que acontece após a morte, se as almas deixam de existir, ou se partem para um outro plano espiritual e mais: se essas almas podem exercer alguma influência sobre os vivos. Analisado os aspectos religiosos, pode-se dizer que as histórias do sobrenatural e do fantástico somadas à carga de incertezas existentes nas sociedades são, na verdade, uma espécie de fragmentos de religiosidade e fé, pois ambas se preocupam com o pós-morte e seus mistérios.

“No plano de sua função no interior de uma dada sociedade, as crenças são insubstituíveis. Servem para compensar as vicissitudes da vida quotidiana, acolhendo favoravelmente os desejos mais secretos dos homens, fazendo justiça entre bons e maus e passando avisos e mensagens. No coração do mistério e do silêncio, no seio do diálogo entre o espiritual e o material, tradições específicas fazem florescer mortos e monstros, tornando-se

⁶⁶ KOSLOWSKI, Adilson. *O porquê da ausência do sobrenatural na ciência contemporânea*. Sergipe, Aracaju, SE, Brasil. 2017. p. 29.

absolutamente verossímeis. E, desde sempre, o sobrenatural teima em voltar do passado para avivar as cores do presente”.⁶⁷

Os esforços praticados pelo iluminismo em romper com a esfera de mistérios sobrenaturais para dar espaço ao racional foram insuficientes, assim como a concretude de explicação científica é ainda hoje, já que a barreira da curiosidade do que existe do outro lado não foi quebrada. O que se percebe é que os seres humanos são criadores, conservadores e reprodutores dos mitos e lendas, e essas histórias do sobrenatural não só perturbavam os nossos antepassados, como ainda hoje nos leva a indagar a sua veracidade, influência e razões.

O fato é que os mitos e as lendas, em sua essência, retratam o desconhecido, o improvável e a fantasia, e mesmo assim não se apresentam como histórias vazias, pois possuem frações de histórias reais e acontecimentos reais. Dentre todos os aspectos, temos que levar em consideração também que as mesmas assumem cunho didático quando se convertem em ensinamento de boas condutas e reforça o exercício de civilidade, como podemos perceber nas lendas do Bicho Papão, do Homem do Saco e da Cuca, que sequestram crianças que não obedecem aos pais, ou nas lendas do saci Pererê, Curupira e do Caipora, que nos alertam sobre a necessidade de cuidar do meio ambiente. No caso desse trabalho, as histórias apresentadas aparentam ser uma forma de fazer com que o sofrimento daqueles que morreram não seja esquecido, por isso suas almas foram imortalizadas nos seus lugares de morte, como se pode perceber no relato abaixo, que apresenta a idealização da existência e habitação de almas penadas no edifício da Câmara Federal, que realizam aparições, e que se sentem incomodadas com a presença dos funcionários que trabalham no turno da noite:

“Trabalhei como editora de vídeo, na tv câmara entre os anos de 2003-2010 mais ou menos. Neste período, a ilha de edição ficava no subsolo do prédio principal, logo abaixo da chapelaria, ao lado da casa de máquinas que bomba a água pro espelho d'água, em frente ao Congresso Nacional. O departamento de vídeos especiais fazia produções de documentários de longo formato e séries. Por muitas vezes, para cumprir os prazos, passávamos da hora tradicional para terminarmos as produções. Em algumas madrugadas com meus colegas, o silêncio do prédio contrastava somente com o áudio que vinha dos depoimentos, das edições e da música - em geral, trabalhava em dupla.

O banheiro ficava no andar de cima, no andar térreo - para ir ao banheiro, passava por dois lances de escadas curtos, um corredor e mais um lance de

⁶⁷ DEL PRIORE, Mary. *Do outro lado: A história do sobrenatural e do espiritismo*. São Paulo: Planeta, 2014. p. 12.

escadas - apesar de sempre iluminado, o caminho era silencioso e solitário - e muitas vezes até chegar ao banheiro, vi vultos e ruídos como se houvesse gente ali transitando comigo. Comentava com frequência que as idas ao banheiro perturbavam os espíritos que estavam ali transitando”.⁶⁸

Eventos considerados “normais” como mau contato dos aparelhos, correntes de ar, sonhos lúcidos, dilatação de móveis e estruturas, quando ocorrem em locais onde o imaginário popular diz haver almas, frequentemente se transformam em eventos paranormais:

“Entrevistado 01: Eu trabalho na Câmara dos Deputados, e eu já vi e testemunhei várias vezes os aparelhos de Tv ligarem sozinhas”.

“Entrevistado 02: Eu trabalho como copeira na Câmara, um dia eu estava trabalhando normalmente como faço todos os dias. Entrei na sala do Chefe para recolher o copo para lavar e coloca água, aí eu vi um vulto, fiquei assustada, logo abri a porta da liderança e esperei algum funcionário chegar. Em outro dia, na mesma sala, eu estava fazendo a mesma coisa, quando de repente a televisão ligou sozinha, como eu sou medrosa, saí correndo da sala. A televisão da sala do líder também já ligou sozinha [...] também já ouvi passos nos corredores a noite, é assustador”.⁶⁹

As lendas são objetos mutáveis, que não se apresentam de forma única e sofrem variações no decorrer dos anos, o que não muda são as relações que essas histórias têm com os assombros, o medo e o sobrenatural. São histórias produzidas por vultos, vozes, objetos que se movem, gritos, sussurros, mudança de temperatura e a mais temível de todas, por aparições. Vale ressaltar que a maior parte desses relatos surgem a partir de eventos traumáticos, onde os seus fantasmas passam a viver em alternância entre o mundo físico e o mundo sobrenatural, realizando suas aparições nos locais em que morreram.

Compreender ou ver veracidade nessas histórias é algo que nem sempre acontece. Muitos são os olhares duvidosos por ceticismo propriamente dito e por esses eventos serem relacionados muitas vezes à alucinações. Embora a mente humana possa produzir experiências que fogem das explicações racionais, para aqueles que afirmam

⁶⁸ Relato colhido on-line por uma funcionária da Câmara dos Deputados que optou por não ser identificada.

⁶⁹ Relato colhido on-line por funcionárias da Câmara dos Deputados que optaram por não ser identificado, na câmara dos deputados no mês de abril de 2021.

ter experienciado os eventos, obviamente se tratam de fatos verídicos, muita das vezes afastados de qualquer possibilidade de alucinação:

“No ano de 1992 eu presenciei, eu não sei ao certo o mês, mas eu sei que foi em 92. Na época eu trabalhava na limpeza e eu estava limpando o anexo I, isso de noite. Aí eu estava limpando o corredor, e sabe aqueles cinzeiros antigos enormes que tinha antigamente, aqueles grandes que ficavam nos corredores, sabe qual é? Então. Eu estava limpando lá de noite e tive que lavar o pano, e fui lavar no banheiro. Assim que eu saí do banheiro eu comecei a ouvir uns passos, mas não era passo de quem estava calçado, era de gente andando descalço. Quando eu olhei pro chão eu vi umas pegadas, mas não eram pegadas completas, só tinha um pé, nisso eu achei estranho ver aquelas pegadas ali sendo que eu sabia que não tinha mais ninguém no prédio, então eu fui olhar nas salas pra ver se realmente não tinha mais ninguém, mas na hora que eu voltei, eu olhei para o chão e vi a pegada completa, dessa vez eu vi os dois pés. Na mesma hora eu chamei o meu chefe e quando ele chegou pra ver não tinha absolutamente nada lá, nenhuma pegada. Algumas pessoas deram risada, mas outras que viram o meu comportamento acreditaram, até porque eu estava muito assustado”.⁷⁰

Mesmo se tratando, para muitos, como histórias fictícias, não objetivas e realísticas por se apoiarem no imaginário, esses relatos são capazes de apresentar novas e diferentes visões sobre acontecimentos reais. Dessa forma, se tratam de histórias que apresentam e indicam a existência de um outro plano, que poderíamos chamar de uma filosofia perene⁷¹, por possuir uma realidade invisível aos nossos olhos, mas não para todos os olhos, já que algumas pessoas relatam ter experienciado acontecimentos sobrenaturais.

No primeiro capítulo, se tornou evidente que o descaso com a vida daqueles que construíram a Capital Federal se estendeu em diferentes aspectos, tais como moradia, alimentação, infraestrutura e segurança, esse ultimo, somada à ausência de equipamentos, estruturas de segurança e preparo dos trabalhadores, resultou na morte de inúmeros sujeitos. A análise realizada nos livros de óbitos disponíveis no Arquivo Público do Distrito Federal revelou que a maior parte das mortes por acidentes aconteciam por soterramento, queda, descarga elétrica e atropelamento, o que em muitos casos poderia ter sido evitado ou minimizados.

⁷⁰ Relato colhido por um funcionário do Congresso Nacional que optou por não ser identificado. abril de 2021.

⁷¹ Filosofia que pontua a existência de diversas dimensões.

As histórias e relatos que surgem a partir do outro lado da história oficial são frutos do imaginário popular, que carregam em si uma natureza sobrenatural e que nasceram de um trauma. Geralmente histórias fantasmagóricas surgem a partir de eventos traumáticos, em sua maioria ligados à morte. O impacto de ter conhecimento sobre uma fatalidade ocorrida em um espaço faz com que as pessoas, ao estarem no recinto, se apoderem de sentimentos relacionados à tristeza, melancolia e angústia, no geral, de sentimentos que se relacionam com as sensações de perda e sofrimento. Por isso é comum ouvir certos discursos, tal como: “Eu sempre achei alguns lugares da Câmara dos Deputados com a energia bem ruim, e olha que eu nem sou de ligar para esse tipo de coisa, mas lá eu me sinto estranho.”⁷²

Mesmo sem nenhuma intenção de fazer uma análise psicológica nos entrevistados e de invalidar seus relatos, temos que levar em consideração alguns dos fatores que fazem com que as pessoas tenham experiência de acontecimentos denominados paranormais, sendo os mais comuns: a existência de algum problema neurológico, um quadro de psicose, luto mal tratado ou a não elaboração do mesmo, extremismo religioso, crenças religiosas e o silenciamento dos traumas. Como dito, por não se tratar de uma análise psicológica dos entrevistados, os dois primeiros pontos não serão aprofundados.

O luto não realizado ou mal tratado não abrange apenas os indivíduos com relação próxima aos falecidos, mas todos aqueles que na morte enxergam o sofrimento e a perda dos falecidos:

“O processo psíquico do luto, que foi descrito como um trabalho de elaboração consiste em o enlutado retirar os investimentos do objeto porque a realidade impôs o seu veredicto. O objeto está morto. No entanto, ocorre ao enlutado uma resistência a abandonar essa posição, o que pode levar a uma alucinação do objeto”.⁷³

A relação com a crença religiosa se dá através da sua essência que alega que as almas são eternas, e que após a morte se dirigem ao paraíso ou ao inferno. Algumas religiões espíritas acreditam na possibilidade de que as almas possam ficar presas na

⁷² Relato colhido on-line por um morador de Brasília não identificado. abril de 2021.

⁷³ OLIVEIRA, Tereza Marques De. *O Psicanalista Diante da Morte: Intervenção psicoterapêutica na preparação para a morte e elaboração do luto*. São Paulo: Mackenzie, 2001. p. 96.

Terra por não conseguirem desapegar de pessoas, lugares e por não aceitarem a morte, e que nesse processo de não aceitação essas almas podem entrar em contato com os vivos.

“Estes fenômenos, conquanto operados por Espíritos inferiores, são com frequência provocados por Espíritos de ordem mais elevada, com o fim de demonstrarem a existência de seres incorpóreos e de uma potência superior ao homem. A repercussão que eles têm, o próprio temor que causam, chamam a atenção e acabam por fazer que se rendam os mais incrédulos. Acham estes mais simples lançar os fenômenos a que nos referimos à conta da imaginação, explicação muito cômoda e que dispensa outras. Todavia, quando objetos vários são sacudidos ou atirados à cabeça de uma pessoa, bem complacente imaginação precisaria ela ter para fantasiar que tais coisas sejam reais, quando não o são”.⁷⁴

Outro aspecto que se relaciona com a possibilidade de os indivíduos verem seres paranormais é o silenciamento dos traumas, que seguindo o pensamento de Freud (1937)⁷⁵ pode fazer com que a história e consequentemente a memória, se converta em fantasia:

“[...] acontecimentos que permaneceram silenciados e clivados, que não puderam se transformar em memória nem se manifestar através de formações do inconsciente e irrompem em sonhos repetidos e pesadelos ou em passagens ao ato, quer seja no corpo ou na realidade. O sujeito, muitas vezes invadido por emoções desorganizadas, as traduz sob a forma de manifestações vegetativas ou viscerais. Aquilo que não pode ser falado se impõe ao psiquismo como mal-estar”.⁷⁶

A história de Brasília foi construída sob diferentes traumas, do trauma da morte dos trabalhadores, da exclusão da pós-inauguração, da má alimentação, da prostituição, da solidão, da perda, entre outros. Segundo Lizandro Carlos Calegani, uma sociedade em contato com um passado traumático passa a ter dificuldade de relembrar fatos, implicando no apagamento e na não elaboração plena do que de fato aconteceu. No caso de Brasília a negação veio através da história dita oficial e pelas autoridades responsáveis pela segurança e obras da Capital Federal, ambos não queriam os respingos dessas mortes e problemas em suas mãos. O fato é que a falta ou a perda,

⁷⁴ KARDEC, Allan. *O livro dos médiuns*. Brasília: FEB, 2013. P. 94.

⁷⁵ FREUD, Sigmund. *Construções em análise*. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1980.

⁷⁶ LEVI, I.; KUPFERBERG, M. *Um silêncio ensurdecedor*. Rio de Janeiro, ano 31, n. 22, 2009

voluntária ou involuntária, da memória coletiva dos povos e das nações pode acarretar em perturbações graves da identidade coletiva.⁷⁷

Reduzir a história de Brasília aos fatos apresentados pela história oficial seria negá-la. Para Freud, o trauma é uma ferida na memória e a sua cura vem com o exercício da fala. Segundo Dori Laub (1995):

“Existe em cada sobrevivente uma necessidade imperativa de contar e, portanto, de conhecer a sua própria história desimpedida dos fantasmas do passado contra os quais temos de nos proteger. Devemos conhecer a nossa verdade enterrada para podermos viver as nossas vidas”.⁷⁸

Pode-se dizer, além disso, que falar sobre esses traumas é falar sobre a verdade, é revelar a injustiça e é um ato de reparação, mesmo que esse último não aconteça de forma plena.

“A experiência traumática mantida secreta em uma determinada geração pode provocar nos membros da geração seguinte uma incorporação sem trabalho elaborativo. O que foi transmitido de forma inconsciente pelas gerações anteriores precisa sofrer um processo de metabolização, de modo a tornar possível sua introjeção e consequente utilização para a construção de uma nova história”.⁷⁹

As histórias das almas e assombros de Brasília são também resultados do imaginário popular e a origem dessas histórias vem do sofrimento e das mortes ocorridas nos mais diversos locais. Fatos que carregam mortes brutais, violentas ou numerosas costumam se tornar lendas estritamente associadas a assombrações, fantasmas e almas. São histórias que resgatam o sofrimento que precisam ser contadas, e de fato são, mas não de forma tradicional e convencional.

⁷⁷ LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1990. P. 426.

⁷⁸ LAUB, Dori. 1995, p. 63 apud CALEGARI, 2004, p. 77

⁷⁹ AZEVEDO, I.J.; BRANDÃO, E.P. *Trauma e a transmissão psíquica geracional*. Psicologia, Rio de Janeiro, v.22, n. 1. Jan./abr.2019.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quem vive ou conhece Brasília sabe da existência de inúmeras histórias e relatos sobre almas presas em edifícios que assombram visitantes e funcionários. A pergunta inicial era de onde vinham essas histórias. A partir desta indagação foi constatado que a maior parte delas vinham de fragmentos da história oficial, principalmente no que se referia aos acidentes nas obras no período que antecedeu a inauguração da cidade. Dessa forma, foram realizadas entrevistas nos edifícios da Câmara dos Deputados e no Congresso Nacional que são o foco desse trabalho devido ao maior número de mortes que ocorreram nesses dois prédios, as entrevistas foram feitas com pessoas de diferentes segmentos que possuíam conhecimento ou alegavam ter experienciado tais fatos. Todas as entrevistas tiveram um questionamento em comum: *você relaciona tais acontecimentos com a morte dos operários?* Todas as respostas foram positivas.

Os relatos apresentados são de histórias que se apoiam no imaginário sobrenatural popular, e que são capazes de apresentar diferentes visões sobre acontecimentos reais. São narrativas que se referem à fragmentos de uma história oficial que tem ainda hoje grande impacto no imaginário brasileiro por terem se convertido em histórias de mal assombros. Por fim, são histórias de fantasmas e assombrações que carregam no seu âmago sofrimentos, descaso e sonhos interrompidos.

Ao analisar a trajetória da construção da Capital Federal ficou claro que ela não tem apenas como sinônimo o progresso e o desenvolvimento. Podemos relacionar, também, em sua trajetória, o descaso vivido pelos operários, que se estendeu aos diferentes aspectos, tais como moradia, alimentação, infraestrutura e segurança. A valorização dos candangos só era efetiva nos discursos de Juscelino Kubistchek e nos relatos da história oficial. Na prática ela não existia. Após a inauguração da cidade, os trabalhadores não puderam habitar na Capital construída por eles e foram levados o mais longe possível do centro de Brasília. A utilidade dos trabalhadores estava apenas na submissão das horas excessivas de trabalho.

Para Gilberto Freyre, o povo brasileiro é por excelência o povo da crença do sobrenatural⁸⁰, isso porque houve um acúmulo dos medos trazidos dos diferentes locais

⁸⁰ FREYRE, Gilberto. *Casa grande & senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal*. 50. ed. revista. São Paulo: Global, 2005. P.212.

e diferentes culturas que se somaram aos nossos medos de infância, projetados no Bicho Papão, na Mula sem Cabeça e nas almas penadas. Alimentamos desde pequenos os nossos medos e quando chegamos na vida adulta alimentamos nossa curiosidade do que de fato existe do outro lado, perpetuamos indagações que ultrapassam o entendimento humano, o que nos gera ainda mais curiosidade. O imaginário, que é o conjunto de ideias que dá sentido ao que não pode ser comprovado cientificamente, dá sentido à morte e ao que vem depois dela e nós, seres humanos, somos movidos pela busca dos sentidos das coisas.

As histórias de assombros e as lendas surgem a partir de eventos e acontecimentos traumáticos, e não é de se estranhar que uma história repleta de mortes como a de Brasília não venha resultar na criação de uma série de outras histórias apoiadas no sobrenatural. As almas desses candangos, imortalizadas pelo imaginário popular, estão ainda hoje em constante alternância entre o mundo físico e o mundo sobrenatural, realizando aparições nos seus locais de morte.

Respondendo ao questionamento inicial, do que essas histórias do imaginário popular têm a nos dizer, concluo que essas narrativas denunciam as inúmeras mortes que tiveram como reflexo o sofrimento, a negligência e o menosprezo reconhecidos na precariedade da qualidade de vida dos trabalhadores, nas constantes e excessivas horas de trabalho, na falta de equipamentos e estruturas de segurança e na falta de preparo. São histórias de sonhos interrompidos, famílias desmembradas e subordinações, que o imaginário popular passou a reconhecer e ligar aos assombros. As histórias fantasmagóricas, de almas e de assombrações são formas de conservar, denunciar e não esquecer a outra face da história de Brasília, aquela que a história oficial tenta maquiagem. O imaginário aqui é entendido por aqueles que vivenciaram os acontecimentos sobrenaturais e por aqueles que acreditam no sobrenatural, como uma realidade. Os fantasmas de Brasília nos mostram o sofrimento pouco falado e bastante silenciado. Essas histórias são o que Stephen Frosh (2018) diz, uma forma de praticar o luto que não aconteceu no momento devido, porque lhes foi negado no momento exato.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALIOMAR, Baleeiro. — 3. ed. — **Brasília: Senado Federal, Subsecretaria de Edições Técnicas**, 2012.

ALVES, Tânia Maria. **Formação de indicadores para a psicopatologia do luto**. Tese (doutorado). Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2014.

ANKERSMIT, Franklin Rudolf. **A escrita da história: a natureza da representação histórica**. Londrina: Eduel, 2016.

ANTONELLO, D. **Trauma, memória e escrita: uma articulação entre a literatura de testemunho e a psicanálise**. Tese (Doutorado). Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2016.

ARAÚJO, Bárbara Luna de. **A cidade e o medo: como as histórias de assombração falam sobre o Recife**. Dissertação (Pós-Graduação). Faculdade de Antropologia da Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2009.

ARMSTRONG, Karen. **A Breve História do Mito**. Editora: Companhia das Letras, 2005.

AZEVEDO, I, J.; BRANDÃO, E, P. **Trauma e a transmissão psíquica geracional**. Psicologia, Rio de Janeiro, v.22, n. 1. jan./abr.2019. disponível em: <<https://www.scielo.br/>>. Acesso em 01 mai. 2021

BARROS, José D'Assunção. **O campo da história: especialidades e abordagens**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

BAYARD, Jean Pierre. **História das lendas**. Ed: Ridendo Castigat Mores. 1957, Disponível em: www.jahr.org . Acesso em: dez 2020.

BENEVIDES, Maria Victoria de Mesquita. **O Governo Kubitschek: Desenvolvimento Econômico e Estabilidade Política (1956-1961)**. 3 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

- BERGSON, Henri. **Matéria e memória: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- BERRIOS, German E. **Alucinações táteis: aspectos conceituais e históricos**. Psicopatologia, São Paulo. v. 14, n. 3, 2011.
- BÉU, Edson. **Expresso Brasília: a História Contada Pelos Candangos**. Brasília, 2012.
- BLOCH Marc. *Apologia da história ou o ofício de historiador* Rio de Janeiro. Ed. Zahar/2001.
- BURK, Peter (Org.). **A escrita da história: novas perspectivas**. São Paulo: Ed. da UEP, 1992.
- CALEGARI, Lizadro Carlos. **Autoritarismo, memória e trauma no filme Araguaya: a conspiração do silêncio, de Ronaldo Duque**. Comunicação, Rio Grande do Sul. PRÓ-REVISTAS 2019 nº 046/2019
- CANPBELL, Joseph. **O Poder do Mito**. Palas Athenas, 1991.
- COELHO Teixeira. **Dicionário crítico de política cultural: cultura e imaginário**. Iluminuras; 1ª edição, 2000.
- DARNTON, Robert. **O grande massacre de gatos e outros episódios da história cultural francesa**. São Paulo: Paz e Terra, 2015.
- DEL PRIORE, Mary. **Do outro lado: A história do sobrenatural e do espiritismo**. São Paulo: Planeta, 2014.
- DURAND, Gilbert. **As estruturas antropológicas do imaginário: introdução à arquetipologia geral**. São Paulo: Martins Fontes, 1997
- ESPING, Márcia Janete. **O conceito de imaginário: reflexões acerca de sua utilização pela História**. Canoas, n 9. 2004
- FERREIRA, LOUDES. **Narrativas Míticas: Nas obras” Serie Lendas Amazônicas” de Waldemar Henrique e “Órfãos do eldorado” de Milton Hatoum: Marcas Identitárias Amazônicas**. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Literatura da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2012.

- FIGUEIREDO, Aldrin M. de; SARGES, Maria de N.(org.). **Antônio Lemos: Revisitando o mito** (1913-2013). Belém, 2014.
- FREUD, Sigmund. **Construções em análise**. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1980.
- FREYRE, Gilberto. **Assombrações do Recife velho**. Rio de Janeiro: Editora Record, 1987.
- FREYRE, Gilberto. **Casa grande & senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal**. 50. ed. revista. São Paulo: Global, 2005.
- FROSH, Stephen. **Assombrações: psicanálise e transmissões fantasmagóricas** (C. I. Nakagawa, trad.). São Paulo: Benjamin Editorial, 2018.
- GABRIEL, Maria Alice Ribeiro. **Herança assombrada: Espaço e história como repositórios de memória cultural em Gilberto Freyre e Jayme Griz**. Revista Letras Raras, v. 9, p. 39-50. n. 2, jun. 2020.
- GONÇALVES, Carolina Brandão. **Histórias de assombração**. Disponível em: <<https://avauea.uea.edu.br>>. Acesso em 22 dez. 2020.
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Editora: Revista dos tribunais LTDA. Paris, França, 1968
- HOLLIS, James. **Assombrações: dissipando os fantasmas que dirigem nossas vidas** [tradução Daniel Françoli Yago]. — São Paulo: Paulus, 2017. — Coleção Amor e psique.
- HOMEM, Roberto. **Senado e Brasília: Construindo a História**. Brasília, 2010. Disponível em: < www2.senado.leg.br >. Acesso em jan. 2020.
- KARDEC, Allan. **O livro dos médiuns**. Brasília: FEB, 2013. Disponível em:< <https://www.febnet.org.br/> >. Acesso em mai. 2020.
- KOSLOWSKI, Adilson. **O porquê da ausência do sobrenatural na ciência contemporânea**. Sergipe, Aracaju, SE, Brasil. 2017.
- KUBITSCHKE, Juscelino. **Por que construí Brasília**. Rio de Janeiro: Bloch Editores, 1975.
- LACAN, J. **Le seminaire, livre XXIII: Le sinthome (1975-1976)**. Paris: Seuil, 2003. Em português: LACAN, J. **O seminário, livro XXIII: O sinthoma**. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

- LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1990.
- LEVI, I.; KUPFERBERG, M. **Um silêncio ensurdecido**. Rio de Janeiro, ano 31, n. 22, 2009
- LYNN, Hunt. **A nova história cultural**. São Paulo. Martins Fontes, 1992.
- MAQUÊA, Vera Lúcia da Rocha. **Memórias inventadas: Um estudo comparado entre Relato de um certo Oriente, de Milton Hatoum e Um rio chamado Tempo, uma casa chamada Terra, de Mia Couto**. Tese (Doutorado). Faculdade de Letras da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2007.
- MIDGLEY, Mary. **A presença dos mitos em nossas vidas**. São Paulo: Unesp, 2014
- MORAIS, Regis de. **As Razões do Mito**. Org. Campinas: Papirus. 1998.
- MORAIS, Vinicius de. Brasília, Sinfonia da Alvorada. Rio de Janeiro: Colúmbia: 1959.
Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=hWK9VALzR6I&ab> >. Acesso em 08 mai. 2020.
- MORENO, M, A.; JUNIOR, N, E. **Trauma: o avesso da memória**. Psicologia, Rio de Janeiro. v. XV n. 1 jan/jun 2012
- NANCY, Sandra Ramos. **Oralidade, memória e tradição nas narrativas de assombrações na região do cariri**. Fortaleza. 2011.
- NOGUEIRA, Mara Genecy. **Histórias de assombração nos territórios da morte em Porto Velho na primeira metade do século XX**. História. Rondônia, 2015.
- PESAVENTO, Sandra. **Em busca de uma outra história: imaginando o imaginário**. Revista Brasileira de História, São Paulo, v. 15, no 29, 1995.
- PINHO, R. **Perspectivas especiais sobre a construção do imaginário de medo em bairros periféricos de Belém do Pará (1950-1980)**. Mestrado em Antropologia – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Antropologia. v.4 n.6. 2017
- PIRES, A, S.; BATALHA, C, A.; SOUZA, J, B. **A arte de contar histórias dos mitos e lendas da Comunidade Toledo Pizza em Parintins-Am**. RELEM – Revista Eletrônica Mutações, julho –dezembro, 2016
- PORGE, E. Jacques Lacan, un psychanalyste. Toulouse: Érès, 2000. Em português: Porge E., Jacques Lacan **um psicanalista: percurso de um ensino**. Tradução de

Cláudia Yereza Guimarães de Lemos, Nina Virginia de Araújo Leite e Viviane Veras. Brasília: Universidade de Brasília, 2006.

PRIORE, Mary Del. **Do outro lado: a história do sobrenatural e do espiritismo**. São Paulo: Planeta, 2014

RENARD, Jean Bruno. **Um gênero comunicacional: os boatos e as lendas urbanas**. Revista FAMECOS. Porto Alegre, n 32. Abril de 2007.

REVEL, Jacques. **Jogos de escalas: A experiência da microanálise**. Editora: Fundação Getúlio Vargas, 1998.

RIBEIRO, Angelita Soares. **Bruxas, Lobisomens, Anjos e Assombrações na Costa Sul da Lagoa dos Patos**. – Colônia Z3, Pelotas: Etnografia, mitologia, gênero e políticas públicas. Tese (Pós Graduação). Faculdade de Ciências Sociais da Universidade Federal de Pelotas. Ciências Sociais, Pelotas 2012.

RIBEIRO, Gustavo Lins. **O Capital da Esperança: a experiência dos trabalhadores na construção de Brasília**. Brasília: UNB, 2008.

ROCHA, Everardo. **O que é mito**. – São Paulo: Brasiliense, 1999. – (Coleção primeiros passos 151)

SCHAMA, Simon. **Paisagem e Memória**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

SILVA, Alynne, Cavalcante Bezerra. **A fábrica de almas danadas: o purgatório como portal de assombrações**. 2018.

SILVA, Jerônimo Silva e; SARRAF-PACHECO, Agenor. **Diásporas de encantados na Amazônia Bragantina**. Horizontes Antropológicos (Online), v. 43, 2015.

SILVA, M. **Mitos, Memória e infância em órfãos do eldorado, de Milton Hatoum**. Tese (Mestrado). Faculdade de Letras da Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, 2009.

TEIXEIRA, Thaís de SOUZA. **Delírio, fantasia e devaneio: sobre a função da vida imaginativa na teoria psicanalítica**. Psicopatologia, São Paulo. Rev. Latinoam. Psicopat. Fund., IV, 1999.

TOGNOLI, Sônia Amaral. Maurice Halbwachs: **A memória coletiva**. Scripta Alumni Uniandrade, 2009.

TURCHI, Maria Zaira. **Literatura e antropologia do imaginário**. Brasília: UNB; 1ª edição, 2003.

VANSINA, Jan. **Oral tradition as History**, Madison, Wisconsin. Editora: University of Wisconsin Press; 1ª edição, 1985.

VEYNE, Paul. **Acreditavam os Gregos em seus mitos? Ensaio sobre imaginação constituinte**. Brasiliense s.a. 2014.

VIGÁRIO, Jacqueline Sirqueira. **História e Imaginário**. Goiânia, 2009.

VOOS, Y,P.;SCHNEIDER, E,V. **Silêncio e memória**. Direito, Rio Grande do Sul. 2016.